até a vitória sempre

escolma de artigos do che guevara

AGITA
ediçons
colecçom por um outro ensino
2

até a vitória sempre

escolma de artigos do che

ATÉ A VITÓRIA SEMPRE
ESCOLMA DE ARTIGOS DO CHE
ERNESTO GUEVARA DE LA SERNA
COLECÇOM UM OUTRO ENSINO É POSSÍVEL Nº 2

www.agir-galiza.org
nacional@agir-galiza.org

Permite-se a reproducçom total ou parcial sempre que se citar a fonte

Primeira ediçom: Dezembro de 2004

índice

Prólogo do Conselho Nacional ---------- 4

Reforma universitária e Revoluçom ---------- 5

O Socialismo e o Homem em Cuba ---------- 9

Discurso ao receber o Doutoramento Honoris Causa na Universidade de Las Villas ---------- 17

A ofensiva final. A batalha de Santa Clara ---------- 19

O que deve ser um jovem comunista? ---------- 24

Carta de despedida do Che dirigida a Fidel e ao povo cubano ---------- 27

Prólogo do Conselho Nacional de AGIR

À altura do 37 aniversário do assassinato do revolucionário argentino Ernesto Che Guevara, que tivo lugar na Bolívia em 9 de Outubro de 1967, AGIR edita este caderno com textos do próprio Che com a intençom de lhe fazer umha homenagem à sua figura assim como para relembrar algumha das suas contribuiçons teóricas.

O capitalismo, de forma muito consciente e imoral, tem feita também sua a figura do Che. Chaverios, camisolas, marcas de cervejas, etc, som alguns dos lugares onde o rosto do argentino foi estampado para depois a sua significaçom ser canalizada cara a uns vieiros muito menos profundos dos que o Che percorria quotidianamente.

A imagem do aventureiro, do representante dos ideais de juventude, em definitivo, a procura de umha figura tam vazia de conteúdo que na altura lhe pode resultar tremendamente amável às pessoas que praticam opressons e injustiças. Estes som objectivos que estám detrás da mercantilizaçom do seu rosto. Mas é precisamente esse vazio o que nós dalgum jeito pretendemos encher, e para tomarmos posicionamento contrário a esta apropriaçom indevida da sua figura, que dito seja de passo está motivada pola incomodidade que apresenta para este sector que é minoritário e que o Che combatia.

O facto de o Che ter sido um grande leitor -na sua andaina pola selva boliviana, dentro da sua mochila, levava a História da Revoluçom Russa de Leom Trotsky-, e o de ter feito muitas viagens pola América -o que provocou um contacto directo com os problemas reais das pessoas-, fôrom as motivaçons que o levárom, pola teoria e prática que conhecia, pois, ao activismo político que em trece anos aproximadamente -entre 1953 e 1967- o levárom trás ser um dos líderes indiscutíveis da revoluçom cubana a morrer em combate a maos do exército boliviano acompanhado e aconselhado polo serviço de inteligência ianque para depois ser atirado a umha fosa comum.

O compromisso político do Che estava dirigido face a construçom de umha nova sociedade cujo eixo e peça chave é o que ele denominou o homem novo, por isto é que o Che tem aprofundado e gastado esforços para que as suas palavras chegassem também à mocidade, a quem lhe dedicou discursos e artigos para que assim, como ele figera, o presente e o futuro, naquela altura, da revoluçom estivesse em maos de jovens formad@s.
Depois de renunciar aos postos mais altos da revoluçom cubana, abandonar a ilha, e algumha fracassada experiência no Congo decide participar no processo revolucionário que estava tendo lugar na Bolívia, onde lhe fôrom amputadas as maos e tivo lugar como já dixemos o seu assassinato.

O activismo, o compromisso, o carácter de revolucionário comprometido até as últimas conseqüências, a generosidade, a coerência, o voluntarismo, o comportamento exemplar ou a firmeza som qualificativos que definem a figura de Ernesto Guevara, e que convertiam o Che numha pessoa alheia às motivaçons do materialismo capitalista, em definitivo, a figura do argentino é a do autêntico arquétipo de revolucionário.

Além do mais, a inusitada heterodoxia do Che envolve a sua figura de tal frescura que semelha nom ter sido explorada em toda a sua dimensom; mesmo ele, desde certo momento da sua vida, foi crítico com o modelo de socialismo que se estava aplicando no bloco do Leste, facto que nos tem de valer para acreditar na ideia de que o futuro está ainda por construir, de que se deve construir, e que tem de estar inçado dos valores que o Che possuiu até a sua morte física, mas para que o seu pensamento latente se converta em ferramenta material para nós.

Em 22 de Janeiro de 1961, o Che, recordando-lhe Fidel Castro à milícia em Cabañas, pronunciou umhas palavras que de algum jeito podem resumir a significaçom e os valores que o argentino segue tendo, dizia: nom acentuar as diferenças, senom acentuar todos os pontos de contacto, todas as aspiraçons honestas, que nos permitam marchar junt@s até a vitória.

Conselho Nacional de AGIR, Outubro de 2004

Reforma universitária e Revoluçom

Discurso na Universidade de Oriente (17 de Outubro de 1959)

Estimados companheiros, boa noite.

Tenho de me desculpar ao qualificado público assistente pola demora na iniciaçom deste acto, que é culpa minha e do tempo que estivo muito mal em todo o caminho, e tivemos de parar em Bayamo.

É muito interessante para mim o falar de um dos problemas que tem tocado mais de perto as juventudes estudiosas de todo o mundo; vir falar cá, numha universidade revolucionária, e precisamente numha das mais revolucionárias cidades de Cuba.

O tema é sumamente basto; tanto é assim como que varios conferencistas pudérom desenvolver diferentes facetas dele. Na minha condiçom de luitador, interessa-me analisar precisamente os deveres revolucionários do estudantado na relaçom com a universidade. E para isso temos de precisar bem o que é um estudante, a que classe social pertence, e se tem algo que o defina como entidade ou como núcleo, ou se simplesmente responde nas suas reacçons, às reacçons gerais das diferentes classes à que pode pertencer. E entom nos achamos com que o estudante universitário é precisamente o reflexo da universidade que o aloja, porque já há limitaçons que podem ser de diferentes tipos, mas que finalmente som limitaçons económicas que fam com que o estudantado pertença a umha classe social onde os seus problemas -nom os seus problemas económicos- nom som tam grandes como noutras; pertence polo geral à classe média, nom cá em Oriente, em Santiago de Cuba, senom em toda Cuba, e podemos dizer em toda a América. Há naturalmente excepçons -todos as conhecemos-; há indivíduos de extraordinária capacidade que podem luitar contra um médio adverso com umha tenacidade exemplar e chegar a adquirir o seu título universitário. Mas em geral, o estudante universitário pertence à classe média e reflecte os anelos e interesses dessa classe; ainda que muitas vezes, precisamente em momentos como agora, a chama vitalizadora da revoluçom pode levá-lo a posiçons mais extremas. E isso é o que tratamos de analisar nestes momentos: as tendências gerais da universidade respondendo ao núcleo social do qual sai, e os seus deveres revolucionários para com a comuinidade inteira.

Porque a universidade é a grande responsável do triunfo ou da derrota, na parte técnica, deste grande experimento social e económico que se está levando a cabo em Cuba. Temos iniciado leis que transformam profundamente o sistema social imperante: liquidárom quase de vez os latifúndios, mudou-se o sistema tributário, está-se por mudar o sistema alfandegário, estám-se criando incluso cooperativas de trabalho industriais; é dizer, toda umha série de fenómenos novos, que trazem aparelhados instituiçons novas, estám florecendo em Cuba. E todo esse imenso trabalho temo-lo iniciado apenas com boa vontade, com o convencimento de que estamos seguindo um caminho verdadeiro e justo, mas sem contar com os elementos técnicos necessários para fazer as cousas perfectamente.

E nom contamos com eles porque precisamente estamos inovando, e esta instituiçom que é a universidade estava orientada a dar à sociedade toda umha série de profissionais que encaixavam dentro do grande quadro das necessidades do País na época anterior. Havia necessidade de muitos advogados, médicos, engenheiros agrónomos, engenheiros químicos industriais, físicos, incluso matemáticos, e nom há. Nalguns caso snom existe sequer a carreira, noutros, está ocupada por um pequeno número de estudantes que vírom a necessidade de começar a estudar cousas novas, ou simplesmente caírom lá porque nom havia lugar noutra escola, ou porque queriam estudar e nom havia nada de que gostassem exactamente. Em fim, nom há umha direcçom estatal para encher todos os claros que estamos vendo que esxistem na tecnificaçom da nossa revoluçom.

E isso nos leva ao centro do programa uniersitário enquanto pode ter de conflitivo, enquanto podem ter de agressivo, se vós quigerdes, as propostas que vou fazer. Porque o único que pode, neste momento, precisar com algumha certeça qual vai ser o número de estudantes necessários e como vam ser dirigidos esses estudantes das distintas carreiras da universidade, é o Estado. Ninguém mais do que ele o pode fazer; por qualquer organismo, por qualquer escola que seja, mas que nom tem de ser de umha escola de secundário que domine completamente todas as diferentes linhas da produçom e esteja ao tanto também das projecçons da planificaçom do Governo Revolucionário.

Grandes cadeiras que som a base do triunfo de países mais avançados, como as matemáticas superiores e a estatística, praticamente nom existem em Cuba. Para começar a fazer estatísticas do que necessitamos, achamo-nos com que nom temos estatísticos, com que há que importá-los, ou procurar algumhas pessoas que tenhem desenvolvido a sua

especialidade noutros lugares. Este é o nó central do problema; se o Estado é o único organismo ou o único ente capaz de ditaminar com algum grau de certeça quais som as necessidades do País, evidentemente, o estado tem de ter participaçom no governo da universidade. Há queixas violentas contra isso; incluso se levantam entre as candidaturas estudantis em Havana, quase como questom de princípio, a intervençom ou a nom intervençom do Estado, a perda da autonomia, como chamam os estudantes. Mas há que definir exactamente o que significa autonomia. Se autonomia significar apenas que haja que cumprir umha série de requisitos prévios para que um homem armado entre no recinto universitário para cumprir qualquer funçom que a Lei o assigne, isso nom tem importáncia, nom é esse o centro do problema, e todo o mundo está de acordo em que essa classe de autonomia se mantenha. Mas se hoje significasse autonomia que um governo universitário desligado das grandes linhas do Governo Central -é dizer: um pequeno estado dentro do Estado- há que colher os orçamentos que o governo lhe dê e há que trabalhar sobre eles, ordená-los e distribui-los do jeito que considerar mais oportuno, nós achamos que é umha atitude falsa. É umha atitude falsa precisamente porque a universidade se está desligando da vida inteira do País, porque se está enclaustrando e convertendo numha espécie de castelo de marfim afastado das realizaçons práticas da Revoluçom. E além do mais porque vam seguir mandando que incluso nom se necessitam na quantidade em que nestes intres estám ingressando, o de toda umha série de profissions, polo menos cujos programas devem ser revisados para adaptá-los.

Surge pois, frente a esta encrucilhada de dous caminhos e séculos, o levantamento de grupos mais ou menos importantes, de sectores estudantis que consideram como a pior palavra do mundo a intervençom estatal ou a perda da autonomia. Nesse momento, esses sectores estudantis, digo-o com responsabilidade e sem ánimo de ferir ninguém, estám cumprindo quiçá o dever da classe à que pertencem, mas estám esquecendo os deveres revolucionários, estám esquecendo os deveres assumidos na luita com a grande massa do proletariado e do campesinato que pugérom os seus corpos, o seu suor e o seu sangue acarom do estudantado em cada umha das batalhas que se librárom em todos os frentes do País para chegar a esta grande soluçom que foi o primeiro Janeiro.

E esta é umha atitude muito perigosa. Nom hoje, nom hoje porque nom se tenhem definido todavia os campos, porque todavia há muita gente que ainda ferida nos seus interesses económicos, crê que a Revoluçom foi um acerto, gente que tem a virtude de ver muito mais longe do que alcança o seu bolso e vê os interesses da Patria. Mas todo esse pequeno problema, que gira ao redor da palavra autonomia, tem correlaçons e interrelaçons qua vam ainda muito mais longe do que na nossa ilha. Desde fora vam-se tendendo as grandes linhas estratégicas encarregadas de aglutinar todos os que sentem que perdérom algo com esta Revoluçom; nom aos esbirros, nom aos malversadores ou aos membros do anterior governo, senom aos que ficando à margem, ou incluso apoiando nalgumha forma este governo, sentem que tenhem ficado atrás ou que perdérom qualquer bem económico. Toda esta gente está espalhada em distintas capas sociais e podem manifestarem o seu descontentamento com toda a liberdade no momento que quigerem, mas a tarefa a que está encaminhada neste momento a reacçom nacional e internacional é aglutinar todas as forças descontentas contra o governo, e constitui-las num conglomerado sólido para ter nesse frente interno necessário aos seus planos de invasom ou depressom económica, ou quem sabe qual será.

E a universidade, dando batalhas às vezes feroces, luitando encarnizadamente à volta da palavra autonomia, como naturalmente luitando encarnizadamente em torno a questons de menor importáncia como é a eleiçom dos líderes estudantis, estám criando precisamente o campo para que se semeie com toda a fertilidade essa semente que tanto desejam semear os reaccionários. E este lugar, este lugar que tem sido em luitas vanguarda do povo, pode-se converter num factor de retrocesso se nom se incorpora às grandes linhas do Governo Revolucionário.

E o que digo nom é a análise teórica da questom nem umha opçom precipitada; é que isto é o que se tem passado na América inteira, e nos exemplos poderiam bastar consideravelmente. Recordo neste momento o exemplo patético da universidade da Guatemala que foi, como as universidades cubanas, vanguarda do povo na luita popular contra os regimes ditatoriais, e depois, no governo de Arévalo, primeiro, mas sobretodo no governo de Arbernz fôrom-se transformando em focos decididos de luita contra o regime democrático. Defendiam precisamente o mesmo qe agora se está a defender: a autonomia universitária, direito sagrado de um grupo de pessoas a decidir sobre assuntos fundamentais da Naçom. E nessa luita cega e estéril, a universidade foi-se transformando, de vanguarda das forças populares, em arma de luita da reacçom guatemalense. Foi necessária a invasom de Castillo Armas, a queima num acto público de vandalismo medieval de todos os livros que falaram de temas que foram mal vistos polo pequeo sátrapa guatemalense, para que a universidade reccionasse e voltasse tomar o seu lugar de luita entre as forças populares. Mas o caminho perdido fora extraordinariamente grande, e a Guatemala hoje está, como vós sabedes, saindo a médias daquela situaçom caótica e procurando de novo, entre tropeçamento e tropeçamento, umha vida institucional de acordo com as normas democráticas. Esse é um exemplo palpitante, que todos vós relembrades porque pertence à história destes dias.

Mas poderíamos ir muito mais longe na análise da grande conquista da reforma universitária de dezaoito que precisamente se gerou no meu país de origem e na província a que pertenço, que é Córdoba; e poderiamos analisar a personalidade da maioria daqueles combativos estudantes que dérom a grande batalha pola autonomia universitária

frente aos governos conservadores que nessa época governavam quase todos os países da América.

Eu nom quero citar nomes para nom provocar incluso polémicas internacionais; quiger, que vós apanhássedes o livro de Gabriel del Maso, por exemplo, onde estuda a fundo a reforma universitária, procurarám nesse índice os nomes de todos aqueles grandes artífices da reforma e procurarám hoje qual é a atitude política, procurarám o que tenhem sido na vida pública dos países à que pertencem, e encontrarám-se com surpresas extraordinárias, com as mesmas surpresas com que eu me encontrei, quando acreditando em que a autonomia universitária como factor essencial do adianto dos povos, figem essa análise que vos conselho fazer a vós. As figuras mais negras da reacçom, as mais hipócritas e perigosas porque falam umha linguagem democrática e praticam sistematicamente a traiçom, fôrom as que apoiárom, e muitas vezes as que aparecem como figuras propulsoras nos seus países daquela reforma universitária. E cá entre nós, investigai também o autor do livro porque também haverá surpresas por lá.

Todo isto é o que dizia para nos alentar precisamente sobre a atitude do estudantado. E mais que em nengum lugar em Santiago, onde tantos estudantes tenhem dado a sua vida e tantos outros pertencem ao nosso Exército Rebelde. Nós, como temos um exército que é popular e dignidade, a ninguém lhe perguntamos qual é a atitude política sobre frente a determinados factos concretos; qual é a sua religiom, a sua maneira de pensar. Isso depende da consciência de cada indivíduo. Por isso nom vos podo dizer qual será a atitude própria dos membros do Exército Rebelde. Espero que entendades bem as linhas gerais do problema e que sejam consqüentes com as linhas da Revoluçom. Tal vez sim, tal vez nom.
Mas estas palavras nom vam dirigidas a eles, umha minoria, senom à grande massa estudantil, a todos os que componhem este núcleo. Eu recordo que tivem umha pequena conversa com alguns de vós há vários meses, e recomendava-vos entrar e contacto com o povo, nom chegar ao povo como chega umha dama aristocrata a dar umha moeda, a moeda do saber ou a moeda de umha ajuda qualquer, senom como membro revolucionário da grande legiom que hoje governa Cuba, a pôr o hombro nas cousas práticas do País, em cousas que permita incluso a cada profissional aumentar o seu caudal de conhecimento e unir, todas as cousas interessantes que aprendem construindo nos verdadeiros campos de batalha da grande luita pola construçom do País.

É evidente que um dos grandes deveres da universidade é fazer as suas práticas profissionais no seio do povo, e é evidente também que para fazer essas práticas organizadamente no seio do povo necessitam o concurso orientador e planificador de algum organismo estatal que esteja directamente vinculado a esse povo, ou incluso que muito mais do que de um organismo estatal, pois actualmente para fazer qualquer obra em qualquer lugar da República, ponhem-se em contacto três, quatro ou mais organismos, e se está iniciando agora no País a tarefa de planificar o trabalho e de nom dilapidar esforços.

Mas centralizando o tema no estudo, no direito a estudar e no direito a eleger umha carreira de acordo com umha violaçom, nós tropeçamos sempre com o mesmo problema: quem tem direito a limitar a vocaçom de um estudante por umha orde precisa estatal? Quem tem direito a dizer que apenas podem sair 10 advogados por ano e devem sair 100 químicos industriais? Isso é dictadura que existia antes da Revoluçom em forma de exame de ingresso ou em forma de propinas, ou em forma de axames que foram eliminando os menos capazes? É apenas cambiar a orientaçom do estudo. O sistema neste caso permanece idêntico, porque o que se fazia antes é tratar de dar os profissionais que iam sair à luita pola vida nas diferentes polas do saber. Hoje se cámbiam por qualquer método: exame de ingresso, ou umha qualificaçom prévia; e fim, o método é o de menos. E trata-se de levá-lo cara aos caminhos que a Revoluçom entende que som necessários para poder seguir adiante com a nossa tarefa técnica. E à vista está que a integraçom da Universidade com o Governo Revolucionário nom deve provocar reacçons.

Nom queremos cá esconder as palavras e tratar de explicar que nom, que isso nom é perda de autonomia, que na verdade é apenas umha integraçom mais sólida. Mas essa integraçom mais sólida significa perda da autonomia, e essa perda de autonomia é necessária à naçom inteira. Por enquanto, antes ou depois, se a Revoluçom continua nas suas linhas gerais, encontrará as formas de lograr todos os profissionais que necessita. Se a universidade se fecha nos seus claustros e segue na tarefa de lançar advogados, ou toda umha série de carreiras que nom som tam necessárias neste momento (nom vaiam pensar que a agarrei especialmente polos advogados); se seguir nessa tarefa, pois terám que formar algum outro tipo de organismo técnico. Já se está pensando em Havana em fazer um Instituto Técnico de Cultura Superior que dê precisamente umha série destas carreiras, instituto que terá umha organizaçom diferente à universidade quiçá, e que se pode converter, se a incompreensom avança, num rival da Universidade numha rival dessa nova instituiçom que se pensa criar na luita por monopolizar algo que nom se pode monopolizar porque é património do povo inteiro, como é a cultura.

Também essas cousas que se estám a criar em Cuba figerom-se noutros países do mundo, e sobretodo na América. Também se produzírom essas luitas entre os membros de organismos, de escolas técnicas ou politécnicas de um grau de cultura polo geral menor que a universidade. O que eu nom sei se se dixo ou se se precisou bem claro, é que a luita é o reflexo da luita entre umha classe social que nom quer perder os seus privilégios, e umha nova classe ou conjunto de

classes sociais que estám tratando de adqurir o seu direito à cultura. E nós devemos dizê-lo para alertar a todos os estudantes revolucionários, e para lhes fazer ver que umha luita dessa classe é singelamente a expressom disso que tratamos de apagar em Cuba, que é a luita de classes, e que quem se oponha a que um grande número de estudantes de extracçom humilde adquira os benefícios da cultura, está tratando de exercer um monopólio de classes sobre si própria.

Agora bem, quando cá se falava de reformas universítárias, e todo o mundo estivo de acordo em que a forma universitária é algo importante é necessário para o País, o primeiro que se fijo é, por parte dos estudantes, tomar em certa maneira o controlo das casas de estudo, impor ao professorado umha série de medidas e intervir no governo da universidade em maior ou menor grau. É correcto? Essa é a expressom de um grupo que triunfou, triunfou e exigiu os seus direitos depois do triunfo. O professorado -alguns pola sua idade, outros pola sua mentalidade incluso- nom participárom na mesma medida na luita, e os que luitárom e triunfárom adquirindo esse direito. Mas eu pergunto-me se o Governo Revolucionário nom luitou e triunfou com tanto ou mais encarnizamento que qulquer sector isolado da colectividade porque foi a expressom da luita toda do povo de Cuba pola sua libertaçom. Porém, o Governo Revolucionário nom interviu na universidade, nom exigiu a sua parte no festim, porque nom considera que essa seja a maneira mais lógica e honrosa de fazer as cousas. Chama simplesmente à realidade aos estudantes; chama ao raciocínio, que é tam importante em momentos revolucionários, e à discussom, da qual surge necessariamente o raciocínio.

Agora estám-se discutindo programas da reforma universitária de seguido se vira a vista cara às reformas universitárias do ano dezaoito, cara a todos os supersávios que traizoárom a sua ciência e o seu povo depois mas que no momento em que luitárom por umha cousa nobre e necessária como era a reforma universitária naquele momento, nom conheciam nada de nada, eram simples estudantes que a figérom porque era umha necessidade. Teorizar, teorizárom depois, e teorizárom quando já tinham um sentido melévolo do que figérom. Porque nós temos logo que ir procurar a reforma universitária no que se tem dito noutros lugares? Porque nom tirar aquilo senom simplesmente como informaçom adicional aos grandes problemas nossos, que som os que temos que contemplar sobre todas as cousas, aos problemas que existem cá, que som problemas de umha revoluçom triunfante com umha série de governos muito poderosos, hostis que nos atacam, acossam-nos economicamente e às vezes também militarmente; que regam de propaganda por todo o mundo umha série de patranhas sobre este governo, de um governo que fijo a reforma agrária do mesmo jeito que eu aconselho fazer a reforma universitária, olhando cara a adiante mas nom cara atrás, tomando como simples marcas ou o que se tinha feito noutras partes do mundo, mas analisando a situaçom do nosso próprio camponês; que fijo umha reforma fiscal e umha reforma arancelária, e que está agora na grande tarefa da industrializaçom do País, deste País onde se reunem os operários que nom lográrom todas as reivindicaçons e que aspirárom e logicamente aspiram, e resolvem, em assembleias multitudinárias e por unaminidade, dar umha parte do seu soldo para construir economicamente o País; de um Governo Revolucionário que leva como bandeira de luita à Reforma Agrária, e que impulsionou de umha ponta a outra da ilha, e que constantemente sofre porque nom tem os técnicos necessários para fazê-la, e porque a boa vontade e o trabalho apenas cobre em parte essa deficiência, e porque cada um de nós devemos voltar sobre os nossos passos constantemente e aprender sobre o erro cometido, que é aprender sobre o sacrifício da Naçom. E quando tratamos de procurar a quem logicamente nos deve apoiar, à universidade; para que nos dê os técnicos, para que se acople à grande marcha do Governo Revolucionário, à grande marcha do povo cara ao seu futuro, achamo-nos com que luitas intestinas e discusons bizantinas estám mermando a capacidade destes centros de estudos para cumprir com o seu dever de agora. Por isso aproveitamos este momento para dizer as nossas verdades quiçá agrias, quiçá nalgumha cousa injustas, muito molestas quiçá para muita gente, mas que transmite o pensamento de um governo revolucionário honesto, que nom trata de ocupar ou de vencer umha instituiçom que nom é a sua inimiga, senom que deve ser a sua aliada e a sua mais íntima e eficaz colaboradora; e que procura precisamente os estudantes porque nunca um estudante revolucionário pode ser, no inimigo, nem sequer adversário do Governo Revolucionário que representamos; porque estamos tratando em cada momento de que a juventude estudiosa, reuna o saber que logrou nas aulas o entusiasmo criador do povo inteiro da República e se incorpore ao grande exército dos que fam, deixando de lado esta pequena patrulha dos que apenas dim.

Por todo isto vim cá, mas que para dar umha conferência, a apresentar alguns pontos polémicos, e a chamar, naturalmente, à discusom, todo o ágria, todo o violenta que se quiger, mas sempre saudável num regime democrático, à explicaçom de cada um dos factos, a análise do que está acontecendo no País, e a análise do que tem acontecido com os que mantivérom as posiçons que hoje mantenhem alguns núcleos estudantis.

E para finalizar, umha recordaçom ao estudantado interessado nestes problemas da reforma universitária: investigai a vida futura, futura mas já passada, desde o momento em que se iniciou a reforma do dezaoito até o de agora; investigai a vida de cada um de aqueles artífices da reforma. Asseguro-vos que é interessante. Mais nada.

O Socialismo e o home em Cuba

Texto dirigido a Carlos Quijano, Semanário Marcha, Montevideo (Março de 1965)

Caro companheiro: acabo estas notas em viagem por África animado polo desejo de cumprir, tarde, a minha promessa. Gostava de fazê-lo tratando o tema do título. Acho que pode ser interessante para os leitores uruguaios.
É comum ouvir da boca dos vozeiros capitalistas, como um argumento na luita ideológica contra o socialismo, a afirmaçom de que este sistema social, ou o período de construçom do socialismo ao que estamos nós expostos, caracteriza-se pola aboliçom do indivíduo em troca do estado. Nom pretenderei refutar esta afirmaçom sobre umha base meramente teórica, senom estabelecer os factos tal qual se vivem em Cuba e acrescentar comentários de índole geral. Primeiro bosquejarei a traços grossos a história da nossa luita revolucionária antes e depois da tomada do poder.

Como já se sabe a data precisa em que se iniciárom as acçons revolucionárias que culminariam no primeiro de Janeiro de 1959 foi o 26 de Julho de 1953. Um grupo de homens dirigidos por Fidel Castro atacou a madrugada desse dia o Quartel Moncada, na província de Oriente. O ataque foi um fracasso, o fracasso transformou-se em desastre e os sobreviventes fôrom parar à prisom, para reiniciar, após serem amnistiados, a luita revolucionária.

Durante este processo, no qual só existiam germes do socialismo, o homem era um factor fundamental. Confiava-se nele, individualizado, específico, com nome e apelido, e da sua capacidade de acçom dependia o triunfo ou o fracasso do facto encomendado.

Chegou a etapa da luita guerrilheira. Esta desenvolveu-se em dous ambientes diferentes: o povo, massa ainda adormecida a quem havia que mobilizar, e a sua vanguarda, a guerrilha, motor impulsionador da mobilizaçom, gerador de consciência revolucionária e de entusiasmo combativo. Foi esta vanguarda o agente catalisador, o que criou as condiçons subjectivas necessárias para a vitória. Também nela, no quadro do processo de proletarizaçom do nosso pensamento, da revoluçom que se operava nos nossos hábitos, nas nossas mentes, o individuo foi um factor fundamental. Cada um dos combatentes da Serra Maestra que atingira algum grau superior nas forças revolucionárias tem umha história de factos notáveis no seu haver. Em base a estes lograva os seus graus.

Foi a primeira época heróica, na qual se disputavam por lograr um cargo de maior responsabilidade, de maior perigo, sem outra satisfacçom do que o cumprimento do dever. No nosso trabalho de educaçom revolucionária, voltamos amiúde sobre este tema leccionador. Na atitude dos nossos combatentes enxergava-se o homem do futuro.

Noutras oportunidades da nossa história repetiu-se o facto da entrega total à causa revolucionária. Durante a crise de Outubro ou nos dias do ciclone Flora vimos actos de valor e sacrifício excepcionais realizados por todo um povo. Encontrar a fórmula para perpetuar na vida quotidiana essa atitude heróica é umha das nossas tarefas fundamentais do ponto de vista ideológico.

Em Janeiro de 1959 estabeleceu-se o Governo Revolucionário com a participaçom de vários membros da burguesia entreguista. A presença do Exército Rebelde constituia a garantia de poder, como factor fundamental de força.

Produzírom-se imediatamente contradiçons sérias, resolvidas em primeira instância, em Fevereiro de 59, quando Fidel Castro assumiu a chefia do governo com o cargo de primeiro ministro. Culminava o processo em Julho desse mesmo ano, ao renunciar o presidente Urrutia perante a pressom das massas.

Aparecia na história da Revoluçom Cubana, agora com caracteres nítidos, umha personagem que se repetirá sistematicamente: a massa.

Este ente multifacético nom é, como se pretende, a soma de elementos da mesma categoria (reduzidos à mesma categoria, ademais, polo sistema imposto), que actua como um manso rebanho. É verdade que continua sem vacilar os seus dirigentes, fundamentalmente Fidel Castro, mas o grau em que ele ganhou essa confiança responde precisamente à interpretaçom exacta dos desejos do povo, das suas aspiraçons, e à luita sincera polo cumprimento das promessas feitas.

A massa participou na Reforma Agrária e no difícil empenho da administraçom das empresas estatais; passou pola experiência heróica de Praia Girón; forjou-se nas luitas contra os distintas bandos de bandidos armadas pola CIA; viveu

umha das definiçons mais importantes dos tempos modernos na crise de Outubro e continua hoje trabalhando na construçom do socialismo.

Vistas as cousas de um ponto de vista superficial, podia parecer que tenhem razom aqueles que falam da supeditaçom do indivíduo ao Estado; a massa realiza com entusiasmo e disciplina sem iguais as tarefas que o governo fixa, já sejam de índole económica, cultural, de defesa, desportiva, etc. A iniciativa parte em geral de Fidel ou do alto mando da revoluçom e é explicada ao povo que a toma como sua. Outras vezes, experiências locais som tomadas polo Partido e o governo para fazê-las gerais, seguindo o mesmo procedimento.

Porém, o Estado erra às vezes. Quando se produz umha dessas equivocaçons, nota-se umha diminuiçom do entusiasmo colectivo por efeitos dumha diminuiçom qualitativa de cada um dos elementos que a conformam, e o trabalho paralisa-se até ficar reduzido a magnitudes insignificantes; é o instante de rectificar.

Assim aconteceu em Março de 1962 perante a política sectária imposta ao Partido por Aníbal Escajante.

É evidente que o mecanismo nom basta para assegurar umha sucessom de medidas sensatas e que falta umha ligaçom mais estruturada com a massa. Devemos melhorá-lo durante o curso dos próximos anos, mas, no caso das iniciativas surgidas nos estratos superiores do governo, utilizamos por agora o método quase intuitivo de auscultar as reacçons gerais frente aos problemas formulados.

Mestre nisto é Fidel, cujo particular modo de integraçom com o povo só pode apreciar-se vendo-o agir. Nas grandes concentraçons públicas observa-se algo assim como o diálogo de dous diapasons cujas vibraçons provocam outras novas no interlocutor. Fidel e a massa começam a vibrar num diálogo de intensidade crescente até atingir o clímax num final abrupto, coroado polo nosso grito de luita e de vitória.

O difícil de entender para quem nom viva a experiência da revoluçom é essa estreita unidade dialéctica existente entre o indivíduo e a massa, onde ambos se interrelacionam e, à sua vez, a massa, como conjunto de indivíduos, interrelaciona-se com os dirigentes.

No capitalismo podem ver-se alguns fenómenos deste tipo quando aparecem políticos capazes de lograr a mobilizaçom popular, mas se nom se tratar de um autêntico movimento social, em cujo caso nom é plenamente lícito falar de capitalismo, o movimento viverá o que a vida de quem o impulsione ou até o fim das ilusons populares, imposto polo rigor da sociedade capitalista. Nesta, o homem está dirigido por um frio ordenamento que, habilmente, escapa ao domínio da sua compreensom. O exemplar humano, alienado, tem um invisível cordom umbilical que o liga à sociedade no seu conjunto: a lei do valor. Ela age em todos os aspectos da sua vida, vai modelando o seu caminho e o seu destino.

As leis do capitalismo, invisíveis para o comum das gentes e cegas, actuam sobre o indivíduo sem este reparar. Só vê a largura de um horizonte que aparece infinito. Assim o apresenta a propaganda capitalista que pretende extrair do caso Rockefeller -verídico ou nom- umha liçom sobre as possibilidades de êxito. A miséria que é necessário acumular para que surja um exemplo assim e a soma de ruindades que leva a umha fortuna dessa magnitude, nom aparecem no quadro e nom sempre é possível às forças populares esclarecer estes conceitos. (Caberia aqui a disquisiçom sobre como nos países imperialistas os operários vam perdendo o seu espírito internacional de classe sob a influência dumha certa cumplicidade na exploraçom dos países dependentes e como este facto, ao mesmo tempo, lima o espírito de luita das massas no próprio país, mas esse é um tema que sai da intençom destas notas).

De todos modos, mostra-se o caminho com obstáculos que, aparentemente, um indivíduo com as qualidades necessárias pode superar para chegar à meta. O prémio observa-se ao longe; o caminho é solitário. Ademais, é umha corrida de lobos: só se pode chegar sobre o fracasso de outros.

Tentarei, agora, definir o indivíduo, actor desse estranho e apaixonante drama que é a construçom do socialismo, na sua dupla existência de ser único e membro da comunidade.

Acho que o mais simples é reconhecer a sua qualidade de nom feito, de produto nom acabado. As taras do passado transladam-se ao presente na consciência individual e há que fazer um trabalho contínuo para erradicá-las.

O processo é duplo, por um lado age a sociedade com a sua educaçom directa e indirecta, por outro, o indivíduo submete-se a um processo consciente de auto-educaçom.

A nova sociedade em formaçom tem que concorrer muito duramente com o passado. Isto fai-se sentir nom só na consciência individual, em que pesam os resíduos de umha educaçom sistematicamente orientada ao isolamento do indivíduo, senom também polo carácter mesmo deste período de transiçom, com persistência das relaçons mercantis. A

mercadoria é a célula económica da sociedade capitalista; enquanto exista, os seus efeitos farám-se sentir na organizaçom da produçom e, por conseguinte, na consciência.

No esquema de Marx concebia-se o período de transiçom como resultado da transformaçom explosiva do sistema capitalista desfeito polas suas contradiçons; na realidade posterior viu-se como se separavam da árvore imperialista alguns países que constituem as ramagens mais fracas, fenómeno previsto por Lenine. Nestes, o capitalismo desenvolveu-se o suficiente como para fazer sentir os seus efeitos de um modo ou outro sobre o povo, mas nom som as suas próprias contradiçons as que, esgotadas todas as possibilidades, fagam saltar o sistema. A luita de libertaçom contra um opressor externo, a miséria provocada por acidentes estranhos, como a guerra, cujas conseqüências fam recair as classes privilegiadas sobre os explorados, os movimentos de libertaçom destinados a derrocar regimes neocoloniais, som os factores habituais do desencadeamento. A acçom consciente fai o resto.

Nestes países nom se produziu ainda umha educaçom completa para o trabalho social e a riqueza dista de estar ao alcance das massas mediante o simples processo de apropriaçom. O subdesenvolvimento por um lado e a habitual fuga de capitais face países "civilizados" por outro, fam impossível umha mudança rápida e sem sacrifícios. Resta um grande tramo a percorrer na construçom da base económica e a tentaçom de seguir os caminhos trilhados de interesse material, como alavanca impulso de um desenvolvimento acelerado, é muito grande.

Corre-se o perigo de que as árvores impedam ver o bosque. Perseguindo a quimera de realizar o socialismo com a ajuda das armas deterioradas que nos legara o capitalismo (a mercadoria como célula económica, a rendibilidade, o interesse material individual como alavanca, etc), pode-se chegar a um beco sem saída. E chega-se lá após percorrer umha longa distáncia em que os caminhos se cruzam muitas vezes e onde é difícil perceber o momento em que se equivocou a rota. Entretanto, a base económica adaptada tem feito o seu trabalho de sapa sobre o desenvolvimento da consciência. Para construir o comunismo, simultaneamente com a base material há que fazer o homem novo.

Daí a importáncia de eleger correctamente o instrumento de mobilizaçom das massas. Esse instrumento deve ser de índole moral, fundamentalmente, sem esquecer umha correcta utilizaçom do estímulo material, sobretodo de natureza social.

Como já afirmei, nos momentos de perigo extremo é fácil potenciar os estímulos morais; para manter a sua vigência, é necessário o desenvolvimento dumha consciência em que os valores adqueram categorias novas. A sociedade no seu conjunto deve converter-se numha gigantesca escola.

As grandes linhas do fenómeno som similares ao processo de formaçom da consciência capitalista na sua primeira época. O capitalismo recorre à força, mas, também, educa à gente no sistema. A propaganda directa realiza-se polos encarregados de explicar a ineluctabilidade dum regime de classe, já seja de origem divina ou por imposiçom da natureza como ente mecánico. Isto aplaca as massas que se vem oprimidas por um mal contra o qual nom é possível a luita.

A continuaçom vem a esperança, e nisto diferencia-se dos anteriores regimes de casta que non davam saída possível.

Para alguns continuará vigente ainda a fórmula da casta: o prémio aos obedientes consiste na chegada, após a morte, a outros mundos maravilhosos onde os bons som premiados, com o que se segue a velha tradiçom. Para outros, a inovaçom: a separaçom em classes é fatal, mas os indivíduos podem sair daquela à que pertencem mediante o trabalho, a iniciativa, etc. Este processo, e o de autodeterminaçom para o triunfo, devem ser profundamente hipócritas; é a demonstraçom interessada de que umha mentira é verdade.

No nosso caso, a educaçom directa adquere umha importáncia muito
maior. A explicaçom é convincente porque é verdadeira; nom precisa de subterfúgios: Exerce-se mediante o aparelho educativo do estado em funçom da cultura geral, técnica e ideológica, por meio de organismos tais como o Ministério de Educaçom e o aparelho de divulgaçom do Partido. A educaçom prende nas massas e a nova atitude preconizada tende a converter-se em hábito; a massa vai-na fazendo sua e pressiona quem ainda nom se educou. Esta é a forma indirecta de educar as massas, tam poderosa como aquela outra.

Mas o processo é consciente; o indivíduo recebe continuamente o impacto do novo poder social e percebe que nom está completamente adequado a ele. Sob a influência da pressom que supom a educaçom indirecta, trata de acomodar-se a umha situaçom que sente justa e cuja própria falta de desenvolvimento impediu-lhe fazê-lo até o de agora. Auto-educa-se.

Neste período de construçom do socialismo podemos ver o homem novo que vai nascendo. A sua imagem nom está ainda acabada; nom podia está-lo nunca já que o processo marcha paralelo ao desenvolvimento de formas económicas novas.

Descontando aqueles cuja falta de educaçom os fai tender ao caminho solitário, à auto-satisfaçom das suas ambiçons, há os que ainda dentro deste novo panorama de marcha conjunta tenhem tendência a caminhar isolados da massa que acompanham. O importante é que os homens vam adquirindo cada dia mais consciência da necessidade da sua incorporaçom à sociedade e, ao mesmo tempo, da sua importáncia como motores da mesma.

Já nom marcham completamente sós, por caminhos estreitos extraviados, face longínquos anseios. Seguem a sua vanguarda, constituída polo Partido, polos operários avançados, polos homens avançados que caminham ligados às massas e em estreita comunhom com elas. As vanguardas tenhem a sua vista posta no futuro e na sua recompensa, mas esta nom se enxerga ao longe com algo individual; o prémio é a nova sociedade onde os homens terám características diferentes: a sociedade do homem comunista.

O caminho é longo e está cheio de dificuldades. Às vezes por extraviar a rota, há que retroceder; outras, por caminhar com excessiva pressa, separamo-nos das massas; nalgumhas ocasions, por fazê-lo lentamente, sentimos o alento próximo dos que nos pisam os calcanhares. Na nossa ambiçom de revolucionários, tratamos de caminhar tam depressa como seja possível, abrindo caminhos, mas sabemos que temos que nutrir-nos da massa e que esta só poderá avançar mais rápido se a alentarmos com o nosso exemplo.

Apesar da importáncia dada aos estímulos morais, o facto de que exista a divisom em dous grupos principais (excluindo, claro está, a fracçom minoritária dos que nom participam, por umha razom ou por outra, na construçom do socialismo), indica a relativa falta de desenvolvimento da consciência social. O grupo de vanguarda é ideologicamente mais avançado que a massa; esta conhece os valores novos, mas insuficientemente. Enquanto nos primeiros produz-se umha mudança qualitativa, os segundos só vem a meias e devem ser submetidos a estímulos e pressons de certa intensidade; é a ditadura do proletariado exercendo-se nom só sobre a classe derrotada, senom também individualmente, sobre a classe vencedora.

Todo isto entranha, para o seu êxito total, a necessidade de umha série de mecanismos, as instituiçons revolucionárias. Na imagem das multidons avançando face o futuro, encaixa o conceito de institucionalizaçom como o dum conjunto harmónico de canais, degraus, barragens, aparelhos bem aceitados que permitam essa marcha, que permitam a selecçom natural dos destinados a caminhar na vanguarda e que adjudiquem o prémio e o castigo aos que cumprem ou atentam contra a sociedade em construçom.

Esta institucionalidade da revoluçom ainda nom se logrou. Procuramos algo novo que permita a perfeita identificaçom entre o governo e a comunidade no seu conjunto, ajustada às condiçons peculiares da construçom do socialismo e fugindo ao máximo dos lugares comuns da democracia burguesa, transplantados à sociedade em formaçom (como as cámaras legislativas, por exemplo). Tenhem-se feito algumhas experiências dedicadas a criar paulatinamente a institucionalizaçom da revoluçom, mas sem excessiva pressa. O maior freio que tivemos tem sido o medo a que qualquer aspecto formal nos separe das massas e do indivíduo, nos faga perder de vista a última e mais importante ambiçom revolucionária que é ver as pessoas libertadas da sua alienaçom.

Porém, a carência de instituiçons, o que deve superar-se gradualmente, agora as massas fam a história como o conjunto consciente de indivíduos que luitam por umha mesma causa. O homem, no socialismo, apesar da sua aparente estandardizaçom, é mais completo; apesar da falta de mecanismo perfeito para isso, a sua possibilidade de se exprimir e fazer-se sentir no aparelho social é infinitamente maior.

Ainda é preciso acentuar a sua participaçom consciente, individual e colectiva, em todos os mecanismos de direcçom e de produçom e ligá-la à ideia da necessidade da educaçom técnica e ideológica, de maneira que sinta como estes processos som estreitamente interdependentes e os seus avanços som paralelos. Assim logrará a total consciência do seu ser social, o que equivale à sua realizaçom plena como criatura humana, partidas as cadeias da alienaçom.

Isto traduzirá-se concretamente na reapropriaçom da sua natureza mediante o trabalho libertado e da expressom da sua própria condiçom humana por meio da cultura e da arte.

Para que se desenvolva na primeira, o trabalho deve adquirir umha condiçom nova; a mercadoria pessoa cessa de existir e instala-se um sistema que outorga umha quota polo cumprimento do dever social. Os meios de produçom pertencem à sociedade e a máquina é só a trincheira onde se cumpre o dever. O homem começa a libertar o seu pensamento do facto desagradável que supunha a necessidade de satisfazer as suas necessidades animais mediante o trabalho. Começa a ver-se retratado na sua obra e a compreender a sua magnitude humana mediante o objecto criado, do trabalho realizado. Isto já nom entranha deixar umha parte do seu ser em forma de força de trabalho vendida, que nom lhes pertence mais, senom que significa umha emanaçom de si próprio, um achegamento à vida comum na que se reflecte; o cumprimento do seu dever social.

Fazemos todo o possível por dar ao trabalho esta nova categoria de dever social e uni-lo ao desenvolvimento da técnica, por um lado, o que dará condiçons para umha maior liberdade, e ao trabalho voluntário por outro, baseados na apreciaçom marxista de que o homem realmente atinge a sua plena condiçom humana quando produz sem a compulsom da necessidade física de vender-se como mercadoria.

Claro que ainda há aspectos coactivos no trabalho, ainda quando seja voluntário; o homem nom tem transformado toda a coerçom que o rodeia no reflexo condicionado de natureza social e ainda produz, em muitos casos, sob a pressom do meio (compulsom moral, chama-a Fidel). Ainda lhe falta atingir a completa recriaçom espiritual perante a sua própria obra, sem a pressom directa do meio social, mas ligado a ele polos novos hábitos. Isto será o comunismo.

A mudança nom se produz automaticamente na consciência, como tampouco se produz na economia. As variaçons som lentas e nom som rítmicas; há periodos de aceleraçom, outros pausados e inclusive de retrocesso.

Devemos considerar, além do mais, como apontávamos antes, que nom estamos frente ao período de transiçom puro, tal como o vira Marx na Crítica do Programa de Gotha, senom numha nova fase nom prevista por ele; primeiro período de transiçom do comunismo ou da construçom do socialismo.

Este transcorre em meio de violentas luitas de classe e com elementos de capitalismo no seu seio que obscurecem a compreensom exacta da sua essência.

Se a isto acrescentarmos o escolasticismo que tem refreado o desenvolvimento da filosofia marxista e impedido o tratamento sistemático do período, cuja economia política nom se tem desenvolvido, devemos convir em que ainda estamos em fraldas e é preciso dedicar-se a investigar todas as catacterísticas primordiais do mesmo antes de elaborar umha teoria económica e política de maior alcance.

A teoria que resulte dará indefectivelmente preeminência aos dous alicerces da construçom: a formaçom do homem novo e o desenvolvimento da técnica. Em ambos aspectos falta-nos muito por fazer, mas é menos escusável o atraso enquanto à concepçom da técnica como base fundamental, já que aqui nom se trata de avançar às apalpadelas, senom de seguir durante um bom tramo no caminho aberto polos países mais adiantados do mundo. Por isso Fidel insiste tanto sobre a necessidade da formaçom tecnológica e científica de todo o nosso povo e, ainda mais, da sua vanguarda.

No campo das ideias que conduzem a actividades nom produtivas, é mais fácil ver a divisom entre necessidade material e espiritual. Desde há muito tempo o homem trata de se libertar da alienaçom mediante a cultura e a arte. Morre diariamente as oito ou mais horas em que age como mercadoria para ressuscitar na sua criaçom espiritual. Mas este remédio porta os germes da própria doença: é um ser solitário o que procura comunhom com a natureza. Defende a sua individualidade oprimida polo meio e reage perante as ideias estéticas como um ser único cuja aspiraçom é permanecer imaculado.

Trata-se só dumha tentativa de fuga. A lei do valor nom é já um mero reflexo das relaçons de produçom; os capitalistas monopolistas rodeiam-na de um complicado andaime que a converte numha serva dócil, embora os métodos que empreguem sejam puramente empíricos. A superestrutura impom um tipo de arte no qual há que educar os artistas. Os rebeldes som dominados pola maquinaria e só os talentos excepcionais poderám criar a sua própria obra. Os restantes devenhem assalariados vergonhosos ou som esmagados.

Inventa-se a investigaçom artística a que se dá como definitória da liberdade, mas esta "investigaçom" tem os seus limites, imperceptíveis até o momento de bater com eles, vale dizer, de formular-se os reais problemas das pessoas e a sua alienaçom. A angústia sem sentido ou o passatempo vulgar constituem válvulas cómodas à inquietaçom humana; combate-se a ideia de fazer da arte umha arma de denúncia.

Respeitando as leis do jogo conseguem-se todas as honras; as que poderia ter um macaco inventando cabriolas. A condiçom é nom tratar de fugir da gaiola invisível.

Quando a revoluçom tomou o poder produziu-se o êxodo dos domesticados totais; o resto, revolucionários ou nom, vírom um caminho novo. A investigaçom artística cobrou novo impulso. Nom obstante as rotas estavam mais ou menos traçadas e o sentido do conceito fuga escondeu-se trás a palavra liberdade. Nos próprios revolucionários mantivo-se muitas vezes essa atitude, reflexo do idealismo burguês na consciência.

Nos países que passárom por um processo similar pretendeu-se combater as tendências com um dogmatismo exagerado. A cultura geral converteu-se quase num tabu e proclamou-se o summum da aspiraçom cultural umha representaçom formalmente exacta da natureza, convertendo-se esta, logo, numha representaçom mecánica da realidade social que se queria fazer ver; a sociedade ideal, quase sem conflitos nem contradiçons, que se procurava criar.

O socialismo é jovem e tem erros. Os revolucionários carecemos, muitas vezes, dos conhecimentos e a audácia intelectual necessárias para arrastar a tarefa do desenvolvimento de um homem novo por métodos diferentes aos convencionais, e os métodos convencionais sofrem da influência da sociedade que os criou. (Outra vez formula-se o tema da relaçom entre forma e conteúdo). A desorientaçom é grande e os problemas da construçom material absorvem-nos. Nom há artistas de grande autoridade que, a sua vez, tenham grande autoridade revolucionária.

Os membros do Partido devem tomar essa tarefa entre as maos e procurar o logro do objectivo principal: educar o povo.

Procura-se entom a simplificaçom, o que entende todo o mundo, que é o que entendem os funcionários. Anula-se a autêntica investigaçom artística e reduz-se o problema da cultura geral a umha apropriaçom do presente socialista e do passado morto (portanto, nom perigoso). Assim nasce o realismo socialista sobre as bases da arte do século passado.

Mas a arte socialista do século XIX também é de classe, mais puramente capitalista, quiçá, que esta arte decadente do século XX, onde se transparenta a angústia da pessoa alienada. O capitalismo em cultura deu todo de si e nom fica dele senom o anúncio dum cadáver fedorento; na arte, a sua decadência de hoje. Mas, porque pretender procurar nas formas congeladas do realismo socialista a única receita válida?. Nom se pode opor ao realismo socialista "a liberdade", porque esta ainda nom existe, nom existirá até o completo desenvolvimento da nova sociedade; mas nom se pretendam condenar todas as formas de arte posteriores à primeira metade do século XIX desde o trono pontifício do realismo a ultrança, pois cairia-se num erro proudhoniano de retorno ao passado, pondo-lhe camisa-de-forças à expressom artística do ser humano que nasce e se construi hoje.

Falta o desenvolvimento dum mecanismo ideológico-cultural que permita a investigaçom e roce a má erva, tam facilmente multiplicável no terreno abonado do subsídio estatal.

No nosso país, o erro do mecanicismo realista nom se deu, mas sim outro de signo contrário. E tem sido por nom compreender a necessidade da criaçom do homem novo, que nom seja quem representa as ideias do século XIX, mas tampouco as do nosso século decadente e morboso. O homem do século XIX é o que devemos criar, embora seja umha aspiraçom subjectiva e nom sistematizada. Precisamente este é um dos pontos fundamentais do nosso estudo e do nosso trabalho, e na medida em que atingirmos êxitos concretos sobre umha base teórica ou, vice-versa, poderemos extrair conclusons teóricas de carácter amplo sobre a base da nossa investigaçom concreta, teremos feito um achegamento valioso ao marxismo-leninismo, à causa da humanidade.

A reacçom contra o ser humano do século XIX tem trazido a reincidência na decadência do século XX; nom é um erro demasiado grave, mas devemos superá-lo, sob pena de abrir um largo canal ao revisionismo.

As grandes multidons vam-se desenvolvendo, as novas ideias vam atingindo adequado ímpetu no seio da sociedade, as possibilidades materiais de desenvolvimento integral de absolutamente todos os seus membros fam muito mais frutífero o labor. O presente é de luita; o futuro é nosso.

Resumindo, a culpabilidade de muitos dos nossos intelectuais e artistas reside no seu pecado original; nom som autenticamente revolucionários. Podemos tentar enxertar o negrilho para que dê peras; mas simultaneamnete há que sementar pereiras. As novas geraçons virám livres de pecado original. As probabilidades de que surjam artistas excepcionais serám tanto maiores quanto mais se tenha alargado o campo da cultura e a possibilidade de expressom. A nossa tarefa consiste em impedir que a geraçom actual, dislocada polos seus conflitos, se pervirta e pervirta as novas. Nom devemos criar assalariados dóceis ao pensamento oficial nem "bolseiros" que vivam do amparo do orçamento, exercendo umha liberdade entre aspas. Já virám os revolucionários que entoem o canto do homem novo com a autêntica voz do povo. É um processo que requer tempo.

Na nossa sociedade, jogam um grande papel a mocidade e o Partido. Particularmente importante é a primeira por ser a argila maleável com a que se pode construir o homem novo sem nengumha das taras anteriores. Recebe um trato acorde com as nossas ambiçons. A sua educaçom é cada vez mais completa e nom esquecemos a sua integraçom ao trabalho desde os primeiros instantes. Os nossos bolseiros fam trabalho físico nas suas férias ou simultaneamente com o estudo. O trabalho é um prémio em certos casos, um instrumento de educaçom em outros, jamais um castigo. Umha nova geraçom nasce.

O Partido é umha organizaçom de vanguarda. Os melhores trabalhadores som propostos polos seus companheiros para integrá-lo. Este é minoritário mas de grande autoridade pola qualidade dos seus quadros. A nossa aspiraçom é que o Partido seja de massas, mas quando as massas tenham atingido o nível de desenvolvimento da vanguarda, é dizer, quando estejam educadas para o comunismo. E a essa educaçom vai encaminhado o trabalho.

O Partido é o exemplo vivo; os seus quadros devem ditar cátedras de trabalho e sacrifício, devem levar, com a sua acçom, as massas ao fim da tarefa revolucionária, o que entranha anos de dura luita contra as dificuldades da construçom, dos inimigos de classe, as lacras do passado, o imperialismo ...

Queria exprimir agora o papel que joga a personalidade, o homem como indivíduo dirigente das massas que fam a História. É a nossa experiência, nom umha receita.

Fidel deu à revoluçom o impulso nos primeiros anos, a direcçom, a tónica sempre, mas há um bom grupo de revolucionários que se desenvolvem no mesmo sentido que o dirigente máximo e umha grande massa que segue os seus dirigentes porque tenhem fé em eles; e tenhem fé, porque eles soubérom interpretar os seus anseios.

Nom se trata de quantas quilogramas de carne se come ou de quantas vezes por ano pode ir alguém passear na praia, nem de quantas belezas que venhem do exterior podem comprar-se com os salários actuais. Trata-se, precisamente, de que o indivíduo se sinta mais pleno, com muita mais riqueza interior e com muita mais responsabilidade. O indivíduo do nosso país sabe que a época gloriosa que lhe toca viver é de sacrifício; conhece o sacrifício.

Os primeiros conhecêrom-no em Serra Maestra e onde queira que se luitou; depois conhecemo-lo em toda Cuba. Cuba é a vanguarda de América e deve fazer sacrifícios porque ocupa o lugar de avançada, porque indica às massas de América Latina o caminho da liberdade plena.

Dentro do País, os dirigentes tenhem que cumprir o seu papel de vanguarda; e, há que dizê-lo com toda a sinceridade, numha revoluçom verdadeira, à que se lhe dá todo, da qual nom e espera nengumha retribuiçom material, a tarefa de revolucionário de vanguarda é à vez magnífica e angustiosa.

Deixe dizer-lhe, com o risco de parecer ridículo, que o revolucionário verdadeiro está guiado por grandes sentimentos de amor. É impossível pensar num revolucionário autêntico sem esta qualidade. Quiçá seja um dos grandes dramas do dirigente; este deve unir um espírito apaixonado e umha mente fria e tomar decisons sem que se contraia um músculo. Os nossos revolucionários de vanguarda tenhem que idealizar esse amor aos povos, às causas mais sagradas e fazê-lo único, indivissível. Nom podem descer com a sua pequena dose de carinho quotidiano face os lugares onde o homem comum o exercita.

Os dirigentes da revoluçom tenhem filhos que nos seus primeiros balbuciamentos aprendem a nomear o pai; homens que devem ser parte do sacrifício geral da sua vida para levar a revoluçom ao seu destino; o quadro dos amigos resposta estritamente ao quadro dos companheiros de revoluçom. Nom há vida fora dela.

Nessas condiçons, há que ter umha grande dose de humanidade, umha grande dose de sentido da justiça e da verdade para nom cairmos em extremos dogmáticos, em escolasticismos frios, no isolamento das massas. Todos os dias há que luitar para que esse amor à humanidade vivente se transforme em factos concretos, em actos que sirvam de exemplo, de mobilizaçom.

O revolucionário, motor ideológico da revoluçom dentro do seu partido, consume-se nessa actividade inenterrompida que nom tem mais fim que a morte, a menos que a construçom se atinja a escala mundial. Se o seu afám de revolucionário se embota quando as tarefas mais apremiantes se vem realizadas a escala local e se esquece o internacionalismo proletário, a revoluçom que dirige deixa de ser umha força impulsionadora e some numha cómoda modorra, aproveitada polos nossos inimigos irreconciliáveis, o imperialismo, que ganha terreno. O internacionalismo proletário é um dever mas também é umha necessidade revolucionária. Assim educamos o nosso povo.

Claro que há perigos presentes nas actuais circunstáncias. Nom só o do dogmatismo, nom só o de congelar as relaçons com as massas no meio da grande tarefa; também existe o perigo das debilidades em que se poda cair. Se umha pessoa pensa que, para dedicar a sua vida inteira à revoluçom, nom pode distrair a sua mente pola preocupaçom de que a um filho lhe falte determinado produto, que os sapatos dos nenos estejam esburacados, que a sua família careça de determinado bem necessário, sob este razoamento infiltram-se os germes da futura corrupçom.

No nosso caso, mantivemos que os nossos filhos devem ter e carecer do que tenhem e do que carecem os filhos do ser humano comum; e a nossa família deve compreendê-lo e luitar por isso. A revoluçom fai-se através das pessoas, mas o ser humano tem que forjar dia a dia o seu espírito revolucionário.

Assim vamos marchando. À cabeça da imensa coluna -nom nos avergonha nem nos intimida dizê-lo- vai Fidel, depois os melhores quadros do partido e imediatamente, tam perto que se sente a sua enorme força, vai o povo no seu conjunto; sólido armaçom de individualidades que caminham face um fim comum; indivíduos que tenhem atingido a consciência do que é necessário fazer; homens que luitam por sairem do reino da necessidade e entrar no da liberdade.

Essa imensa multidom ordena-se; a sua ordem responde à consciência da necessidade do mesmo; já nom é força dispersa, divissível em milhares de fracçons disparadas ao espaço como fragmentos de granada, tratando de atingir por qualquer meio, em dura luita com os seus iguais umha posiçom, algo que permita apoio frente ao futuro incerto. Sabemos que há sacrifícios diante nossa e que devemos pagar um preço polo facto heróico de constituir umha vanguarda como naçom. Nós, dirigentes, sabemos que temos que pagar um preço por ter direito a dizer que estamos à cabeça do povo que está à cabeça da América.

Todos e cada um de nós paga pontualmente a sua quota de sacrifício, conscientes de receber o prémio na satisfacçom do dever cumprido, conscientes de avançar com todos face o homem novo que se vislumbra no horizonte.

Permita-me tentar umhas conclusons:

Nós, socialistas, somos mais livres porque somos mais plenos; somos mais plenos por sermos mais livres.

O esqueleto da nossa liberdade completa está formado, falta a substáncia proteica e a roupagem; criaremo-los.

A nossa liberdade e o seu sostém quotidiano tem cor de sangue e estám cheios de sacrifício.

O nosso sacrifício é consciente; quota para pagar a liberdade que construimos.

O caminho é longo e desconhecido em parte; conhecemos as nossas limitaçons. Faremos o homem do século XXI nós próprios.

Forjaremo-nos na acçom quotidiana, criando um homem novo com umha nova técnica.

A personalidade joga o papel de mobilizaçom e direcçom em quanto encarna as mais altas virtudes e aspiraçons do povo e nom se separa da rota.

Quem abre o caminho é o grupo de vanguarda, os melhores entre os bons, o Partido.

A argila fundamental da nossa obra é a juventude: nela depositamos a nossa esperança e preparamo-la para tomar das nossas maos a bandeira.

Se esta carta balbuciante esclarecer algumha cousa, cumprirá o objectivo com que a mando.

Recebe a nossa saudaçom ritual, com um aperto de maos ou um "Ave Maria Puríssima". Pátria ou morte.

Discurso ao recever o doutoramento Honoris Causa da Universidade Central de Las Villas

Texto dirigido a Carlos Quijano, Semanário Marcha, Montevideo (Março de 1965)

Caros companheiros, novos colegas do claustro e velhos colegas da luita pola liberdade de Cuba:

Tenho de pontualizar no início das minhas palavras que apenas aceito o título que hoje me tem sido conferido, como umha homenagem geral ao nosso exército do povo. Nom poderia aceitá-lo a título individual pola singela razom de que todo o que tiver um conteúdo adaptado apenas ao que quer dizer nom tem valor na Cuba nova, e como poderia eu aceitar pessoalmente, a título de Ernesto Guevara, o grau de Doutor Honoris Causa da Faculdade de Pedagogia, se toda a pedagogia que tenho exercido tem sido a pedagogia dos acampamentos guerreiros, das más palavras, do exemplo feroz, e acho que isso nom se pode converter de maneira nengumha numha toga. Por isso continuo com o meu uniforme do Exército Rebelde embora poda vir sentar aqui, em nome e representaçom do nosso exército, dentro do claustro de professorado. Mas, ao aceitar esta designaçom, que é umha honra para todos nós, queria também vir dar a nossa homenagem, a nossa mensagem de exército do povo e de exército vitorioso.

Umha vez, prometim ao alunado deste centro umha pequena palestra em que expugesse as minhas ideias sobre a funçom da universidade. O trabalho, o cúmulo de acontecimentos, nunca me permitírom fazê-lo, mas hoje hei-no de fazer, agasalhado agora, aliás, na minha condiçom de Professor Honoris Causa. E que tenho para dizer à universidade como artigo primeiro, como funçom essencial da sua vida nesta Cuba nova? Tenho de dizer que se pinte de negro, que se pinte de mulato, nom apenas entre o alunado, também entre o professorado; que se pinte de operário e de camponês, que se pinte de povo, porque a universidade nom é o património de ninguém e pertence ao povo de Cuba, e se este povo que hoje está aqui e cujos representantes estám em todos os postos de Governo, se alçou em armas e rompeu o dique da reacçom, nom foi porque esses diques nom fôrom elásticos, nom tivérom a inteligência primordial de serem elásticos para poderem refrear com esta elasticidade o pulo do povo, e o povo que triunfou, que está até malcriado no triunfo, que conhece a sua força e se sabe esmagador, está hoje às portas da Universidade, e a Universidade deve ser flexível, pintar-se de negro, de mulato, de operário, de camponês, ou entom ficar sem portas, e o povo a romperá e pintará a universidade com as cores que melhor julgar.

Eis a mensagem primeira, é a mensagem que teria querido dizer os primeiros dias logo a seguir da vitória nas três universidades do País, mas que apenas pudem fazer na universidade de Santiago, e se me pedissem um conselho em qualidade de povo, de Exército Rebelde e de professor de pedagogia, diria eu que para chegar ao povo cumpre sentir-se povo, cumpre saber o que é que ele quer, o que é que ele necessita e o que é que ele sente. Cumpre fazer um bocado de análise interior e de estatística universitária e perguntar quantos operários, quantos camponeses, quantos homens que tenhem de suar oito horas diárias a camisa estám aqui nesta universidade, e depois de perguntarmo-nos isso, cumpre perguntarmo-nos também, recorrendo à autoanálise, se este Governo que hoje tem Cuba representa ou nom representa a vontade do povo. E se esta resposta for afirmativa, se realmente este Governo representar a vontade do povo, cumprirá perguntarmo-nos também: este Governo que representa a vontade do povo nesta universidade, onde é que está e que fai? E entom veríamos que infelizmente o governo que hoje representa a maioria quase total do povo de Cuba nom tem voz nas universidades cubanas para dar o seu grito de alerta, para dar a sua palavra orientadora, e para exprimi-lo sem intermediários, a vontade, os desejos e a sensibilidade do povo.

A Universidade Central de Las Villas deu um passo em frente para melhorar estas condiçons e quando foi realizar o seu fórum sobre a Industrializaçom, recorreu, sim, aos industriais cubanos, mas recorreu ao Governo também, perguntou-nos a nossa opiniom e a opiniom de todos os técnicos dos organismos estatais e paraestatais, porque nós estamos a fazer - podemos dizê-lo sem jactância- neste primeiro ano da Libertaçom, muito mais do que figérom os outros governos, mas além disso, muito mais do que fijo isso que pomposamente se chama "livre empresa", e por isso como Governo temos direito a dizer que a industrializaçom de Cuba, que é conseqüência directa da Reforma Agrária, se há de fazer por e sob a orientaçom do Governo Revolucionário, que a empresa privada terá, naturalmente, umha parte considerável nesta etapa de crescimento do País, mas quem sentará as pautas será o Governo, e será por méritos próprios, será porque levantou essa bandeira respondendo talvez ao pulo mais íntimo das massas, mas nom respondendo à pressom violenta dos sectores industriais do País. A industrializaçom e o esforço que implica é filho directo do Governo Revolucionário, por isso o orientará e o planificará. Daqui tenhem desaparecido de vez os empréstimos ruinosos do chamado Banco do Desenvolvimento, por exemplo, que emprestava 16 milhons a um industrial e este punha 400 mil pesos, e estes som dados exactos, e esses 400 mil pesos também nom saíam do seu bolso, saíam dos 10 % da comissom que davam aos vendedores pola compra das maquinarias, e esse senhor que punha 400 mil pesos quando o Governo tinha posto 16

milhons, era o dono absoluto dessa empresa e como devedor do Governo, pagava prazos cómodos e quando lhe convinhesse. O Governo saiu à palestra e recusou-se a reconhecer esse estado de cousas, reclama para ele próprio essa empresa que se formou com dinheiro do povo e di bem claro que se a "livre empresa" consistir em alguns aproveitados desfrutarem o dinheiro completo da naçom cubana, este Governo é contra a "livre empresa", sempre que ficar supeditada a um planeamento estatal, e como temos entrado já neste escabroso terreno do planeamento, ninguém mais que o Governo Revolucionário que planifica o desenvolvimento industrial do País de umha ponta à outra, tem direito a fixar as características e a quantidade dos técnicos que necessitará num futuro para encher as necessidades desta naçom, e polo menos deve ouvir-se o Governo Revolucionário quando di que precisa apenas de determinado número de advogados ou de médicos, mas que precisa de mil engenheiros e 15 mil técnicos industriais de todo o tipo, e cumpre formá-los, cumpre sair e procurá-los, porque é a garantia do nosso desenvolvimento futuro.

Hoje estamos a trabalhar com todo o esforço por fazer de Cuba umha Cuba distinta, mas este professor de Pedagogia que está aqui nom se engana e sabe que de professor de Pedagogia tem tanto como de presidente do Banco Central, e que se tem de realizar umha ou outra tarefa é porque as necessidades do povo lho exigem, e isso nom se fai sem sofrimento mesmo para o povo, porque há que aprender em cada caso, cumpre trabalhar aprendendo, cumpre fazer apagar ao povo o erro, porque um está num posto novo, e nom é infalível, e nom nasceu a saber, e como este Professor que está aqui foi um dia médico e por império das circunstáncias tivo de pegar no fusil, e graduou-se depois de dous anos como comandante guerrilheiro, e terá a seguir de se graduar como presidente de banco ou director de Industrializaçom do País, ou ainda porventura de professor de Pedagogia, quer este médico, comandante, presidente e professor de Pedagogia, que se prepare a juventude estudiosa do País, para cada qual, no futuro imediato, tomar o posto que lhe for encomendado, e tomá-lo sem hesitaçons e sem necessidade de aprender polo caminho, mas também quer este professor que está aqui, filho do povo, criado polo povo, que seja este mesmo povo que tenha direito também aos benefícios do ensino, que derruam os muros do ensino, que nom seja o ensino simplesmente o privilégio dos que tenhem algum dinheiro, para poderem fazer que os seus filhos estudem, que o ensino seja o pam de todos os dias do povo de Cuba.

E é lógico, nom tentaria eu exigir que o professorado ou o alunado actuais da Universidade de Las Villas realizassem o milagre de fazer que as massas operárias e camponesas ingressassem na universidade. Necessita-se um longo caminho, um processo que todos vós tendes vivido, de longos anos de estudos preparatórios. O que sim pretendo, agasalhado nesta pequena história de revolucionário e de comandante rebelde, é que compreendam os estudantes de hoje da Universidade de Las Villas que o estudo nom é património de ninguém, e que a casa de estudos onde vós realizades as vossas tarefas nom é património de ninguém, pertence ao povo inteiro de Cuba, e ao povo se lhe dará e o povo a tomará, e quereria, porque encetei todo este ciclo em vaivéns da minha carreira como universitário, como membro da classe média, como médico que tinha os mesmos horizontes, as mesmas aspiraçons da juventude que vós teredes, e porque mudei no curso da luita, e porque me convencim da necessidade imperiosa da Revoluçom e da Justiça imensa da causa do povo, por isso quereria que vós, hoje donos da universidade, lha dessedes ao povo. Nom o digo como ameaça para que amanhá nom a tomem, nom, digo-o simplesmente porque seria mais um exemplo dos tantos belos exemplos que se estám a dar em Cuba, que os donos da Universidade Central de Las Villas, o estudantado, lha desse ao povo através do seu Governo Revolucionário. E ao professorado, os meus colegas, tenho de dizer-lhes algo semelhante: cumpre pintar-se de negro, de mulato, de operário e de camponês; cumpre descer ao povo, cumpre vibrar com o povo, quer dizer, as necessidades todas de Cuba inteira. Quando isto for conseguido, ninguém terá perdido, todos teremos ganho e Cuba poderá continuar a sua marcha para o futuro com um passo mais vigoroso, e nom terá necessidade de incluir no seu claustro este médico, comandante, presidente de banco e hoje professor de Pedagogia que se despide de todos.

A ofensiva final. A batalha de Santa Clara

Derradeiro capítulo de Passágens da Guerra Revolucionária (1963)

O 9 de Abril foi um rotundo fracaso que em qualquer momento pujo em perigo a estabilidade do regime. Nom apenas por isso: depois desta data trágica, o governo pudo organizar tropas e i-las pondo gradualmente em Oriente e levando Serra Maestra à destruiçom. A nossa defesa tivo de se fazer cada vez mais dentro de Serra Maestra, e o governo seguia aumentando o número de regimentos que colocava frente a posiçons nossas, até chegar ao número de dez mil homens, com os que inicia a ofensiva o 25 de Maio, na vila das Mercedes, que era a nossa posiçom avançada.

Lá se demonstrou a pouca efectividade do exército batistiano e também a nossa escasseza de recursos: 200 fusis háveis, para luitar contra 10000 armas de todo o tipo; era umha enorme desvantagem. Os nossos muchachos batérom-se valentemente durantes dous dias, numha proporçom de 1 contra 10 ou 15, luitando, além do mais, contra morteiros, tanques e aviaçom, até que o pequeno grupo deveu abandonar a povoaçom. Era comandado polo capitám Ángel Verdecia, que um mês mais tarde morreria valerosamente em combate.

E por essa época, Fidel Castro recebera do traidor Eulogio Cantillo, quem, fiel à sua atitude politiqueira de saltimbanqui, como chefe de operaçons do inimigo, escreveria-lhe ao chefe rebelde dizindo-lhe que a ofensiva se realizara de todos os jeitos, mas que cuidasse "O Homem" (Fidel) para aguardar o resultado final. A ofensiva, com efeito, seguiu o seu curso e nos dous meses e meio de duro batalhar, o inimigo perdeu mais de mil homens entre mortos, feridos, prisioneiros e desertores. Deixou nas nossas maos seiscentas armas, entre as que contavam um tanque, doze morteiros, doze ametralhadoras de trípode, vinte e tantos fusis ametralhadoras e um sem-número de armas automáticas; além do mais, enorme quantidade de parque e equipa de toda a classe, e quatrocentos e cinqüenta prisioneiros, que fôrom entregados à Cruz Vermelha ao finalizar a campanha.

O exército batistiano saiu com a espinha dorsal rota, desta postreira ofensiva sobre a Serra Maestra, mas ainda nom estava vencido. A luita devia continuar. Estabeleceu-se entom a estratégia final, atacando por três pontos: Santiago de Cuba, submetido a um cerco elástico; Las Villas, onde devia marchar eu, e Pinar del Rio, no outro estremo da ilha, aonde devia marchar Camilo Cienfuegos, agora comandante da coluna 2, chamada Antonio Maceo, para rememorar a histórica invasom do grande Cantilho de 95, que cruzara em épicas jornadas todo o território de Cuba, até culminar em Mantua. Camilo Cienfuegos nom pudo cumprir a segunda parte do seu programa, pois os imperativos da guerra lhe obrigárom a permanecer em Las Villas.
Liquidados os regimentos que asaltárom Serra Maestra, volta o frente ao seu nível natural e aumentadas as nossas tropas em efectivo e em moral, decidiu-se iniciar a marcha sobre Las Villas, província céntrica. Na ordenaçom militar ditada indicava-se-me como principal labor estratégico, o de cortar automaticamente a comunicaçom entre ambos extremos da ilha; ordenava-se-me, além do mais, estabelecer relaçons com todos os grupos políticos que houvesse nos maciços montanhosos dessa regiom, e amplas faculdades para governar militarmente a zona ao meu cárrego. Com essas instrucçons e pensando chegar em quatro dias, íamos iniciar a marcha, em camions, o 30 de Agosto de 1958, quando um acidente fortuito interrompeu os nossos planos: essa noite chegava umha camioneta portando uniformes e a gasolina necessária para os veículos que já estavam preparados, quando também chegou por via aérea um cargamento de armas a um aeroporto próximo ao caminho. O aviom foi localizado no momento de aterrar, apesar de ser de noite, e o aeroporto foi sistematicamente bombardeado desde as vinte até às cinco da manhá, hora em que queimamos o aviom para evitar que caisse no poder do inimigo ou seguisse o bombardeamento diurno, com piores resultados. As tropas inimigas avançárom sobre o aeroporto; interceitárom a camioneta com a gasolina, deixando-nos a pé. Assim foi como iniciamos a marcha o 31 de Agosto, sem camions nem cavalos, aguardando encontrá-los depois de cruzar a estrada de Manzanillo a Bayamo. Com efeito, cruzando-a encontramos os camions, mas também -o primeiro de Setembro- um feroz ciclom que inutilizou todas as vias de comunicaçom, salvo a estrada central, única pavimentada nesta regiom de Cuba, obrigando-os a desbotar o transporte em veículos. Havia que utilizar, desde esse momento, o cavalo, ou ir a pé. Andávamos carregados com bastantes cousas, umha bazuca com quarenta projectis e todo o necessário para umha longa jornada e o estabelecimento rápido de um campamento.

Fôrom-se sucedendo os dias que já se viravam difíceis apesar de estar no território amigo de Oriente: cruzando rios desbordados, canles e regatos convertidos em rios, luitando cansadamente para impedir que se nos molhasse o material, as armas, os obuses, procurando cavalos e deixando os cavalos cansos atrás, fugindo às zonas povoadas a medida que nos afastávamos da província oriental.

Caminhávamos por difíceis terrenos anegados sofrendo o ataque de pragas de mosquitos que faziam com que as horas de descanso fossem insuportáveis; comendo pouco e mal, bebendo água de rios pantanosos ou simplesmente pántanos. As nossas jornadas começárom a dilatar-se e a fazer-se verdadeiramente horríveis. Já à semana de ter saido do campamento, cruzando o rio Jobabo, que limita as províncias de Camagüey e Oriente, as forças estavam bastante debilitadas. Este rio, como todos os anteriores e como os que passaríamos depois, estava crescido. Também se fazia sentir a falta de calzado na nossa tropa, muitos de cujos homens iam descalzos e a pé polos lameiros do sul de Camagüey.

A noite do 9 de Setembro, entrando no lugar conhecido por La Federal, a nossa vanguarda caiu numha emboscada inimiga, morrendo dous valiosos companheiros. Mas o resultado mais lamentável foi o termos sido localizados polas forças inimigas que lá havia, levando-nos quatro prisioneiros. Agora devíamos marchar com muito cuidado, devido a que a aviaçom conhecia a nossa rota aproximada. Assim chegamos, um ou dous dias depois, a um lugar conhecido por Laguna Grande, junto à força de Camilo, muito melhor montada do que a nossa. Esta zona é digna de recordaçom pola quantidade extraordinária de mosquitos que havia, impossibilitando-nos em absoluto descansar sem mosquiteiro, e nom todos o tínhamos.

Som dias de fatigantes marchas por extensons desoladas, nas que apenas há água e lama, temos fame, temos sede e apenas sim se pode avançar porque as pernas pesam como aço e as armas pesam descomunalmente. Seguimos avançando com melhores cavalos que Camilo nos deixa ao colher camions, mas temos que abandoná-los nas imediaçons do central Macareno. Os práticos que deviam enviar-nos nom chegárom, lançamo-nos sem mais à aventura. A nossa vanguarda choca com umha posta inimiga no lugar chamado Cuatro Compañeros, e começa a esgotadora batalha. Era ao amencer, e logramos reunir, com muito trabalho, umha grande parte da tropa, no maior caio de monte que havia na zona, mas o exército avançava polos lados e tivemos que pelejar duramente para fazer factível o passo de alguns atrasados nossos por umha linha férrea, rumo ao monte. A aviaçom localizou-nos entom, iniciando um bombardeamento os B-26, os C-47, os grandes C-3 de observaçom e as avionetas, sobre umha área nom maior de douscentos metros de flanco. Depois de todo, retiramo-nos deixando um morto por umha bomba e levando vários feridos, entre eles o capitám Silva, que realizou todo o resto da invasom com um hombro fracturado. O panorama, ao dia seguinte, era menos desolador, pois aparecêrom vários dos atrasados e logramos reunir a tropa, menos 10 homens que seguiriam a incorporar-se com a coluna de Camilo e com este chegariam até o frente norte da província de Las Villas, em Yaguajay.

Nunca nos faltou, apesar das dificuldades, o alento camponês. Sempre encontrávamos algum que nos servisse de guia, de prático, ou que nos desse o alimento imprescindível para seguir. Nom era, naturalmente, o apoio unánime de todo o povo que tínhamos em Oriente; mas sempre houvo quem nos ajudara. Em ocasions se nos delata, apenas cruzávamos umha quinta, mas isso nom se devia a umha acçom directa do campesinato contra nós, senom que as condiçons de vida desta gente converte-as em escravos do dono da quinta e, temerosos de perder o seu sustento diário, comunicavam ao amo o nosso passo por essa regiom e este encarregava-se de de avisar engraçadamente as autoridades militares.

Umha tarde escuitávamos polo nosso rádio de campanha um parte dado polo general Francisco Tabernilla Dolz, por essa época, com toda a sua potência de matom, anunciando a destruiçom das hordas dirigidas por Che Guevara e dando umha série de dados de mortos, de feridos, de nomes de todas as classes, que eram o produto do botim recolhido nas nossas mochilas ao sustentar esse encontro dessastroso com o inimigo uns dias antes, todo isso mesclado com dados falsos da colheita do Estado Maior do exército. A notícia da nossa falsa morte provoca na tropa umha reacçom de alegria; porém, umha tarde escuitávamos polo nosso rádio de campanha um parte do general Francisco Tabernilla Dolz, por essa época, com toda a sua pepotência de matom, anunciando a destruiçom das hordas dirigidas por Che Guevara e dando umha série de dados sobre mortos, de feridos, de homens de todo o tipo, que eram produto do botim recolheito nas nossas mochilas ao se sustentar um encontro desastroso com o inimigo uns dias antes, todo isto mesclado com dados falsos da colheita do Estado Maior do exército. A notícia da nossa morte falsa provoca na tropa umha reacçom de alegria, porém, o pesimismo ia ganhando-a pouco a pouco; a fame, a sede, o cansaço, a sensaçom de impotência frente as forças inimigas que cada vez nos cercavam mais e, sobretodo, a terrível enfermidade dos pés conhecida polos camponeses com o nome de "mazamorra" -que convertia num martírio intolerável cada passo dado polos nossos soldados-, que figeram deste um exército de sombras. Era difícil adiantar, muito difícil. Dia a dia, pioravam as condiçons físicas da nossa tropa e as comidas, um dia sim, outro nom, outro quiçá, em nada contribuiam a melhorar esse nível de miséria que estávamos suportando. Passamos os dias mais duros cercados nas imediaçons do central Baraguá, em pántanos pestilenciais, sem umha gota de água potável, atacados continuamente pola aviaçom, sem um só cavalo que pudesse levar por pántanos inóspitos os mais débeis, com os sapatos totalmente destroçados pola água de lama do mar, com prantas que lastimavam os pés descalços, a nossa situaçom era realmente desastrosa ao sair trabalhosamente do cerco de Baraguá e chegar à famosa vereda de Júcaro a Morón, lugar de evocaçom histórica por ter sido cenário de cruentas luitas entre patriotas e espanhóis na guerra da independência. Nom tínhamos tempo de recuperarnos nem sequer um bocado quando um novo aguaceiro, inclemências do clima, além do mais dos ataques do inimigo ou as notícias da sua presença, voltavam a impor-nos a marcha. A tropa estava cada vez mais cansa e descoraçonada. Porém, quando a situaçom era mais tensa, quando já apenas o império do insulto, de rogos, de saídas de tom de todo o tipo, podia fazer caminhar a gente exausta, umha só visom em distáncia animou os seus rostos e infundiu novo espíritu à guerrilha. Essa visom foi umha mancha azul

cara ao Ocidente. A mancha azul do maciço montanhoso de Las Villas, visto pola primeira vez polos nossos homens.

Desde esse momento as mesmas privaçons, ou semelhantes, fôrom encontradas muito mais clementes, e todo se adevinhava mais fácil. Eludimos o derradeiro cerco, cruzando a nado o rio Júcaro, que divide as províncias de Camagüey e Las Villas, e já pareceu que algo novo nos alumiava.

Dous dias depois estávamos no coraçom da cordilheira Trinidad-Sancti Spiritus, a salvo, listos para iniciar a outra etapa da guerra. O descanso foi doutros dous dias, porque imientemente devimos proseguir o nosso caminho e pôr-nos em disposiçom de impedir as eleiçons que iam efectuar-se o 3 de Novembro. Chegáramos à regiom de montanhas de Las Villas o 16 de Outobro. O tempo era curto e a tarefa enorme. Camilo cumpria a sua parte no Norte, sembrando o temor entre os homens da ditadura.

A nossa tarefa ao chegar pola primeira vez à Serra do Escambray, estava precisamente definida: havia que hostilizar o aparelho militar da ditadura, sobretodo enquanto às suas comunicaçons. E como objectivo imediato, impedir a ralizaçom das eleiçons. Mas o trabalho se dificultava polo escasso tempo restante e polas desunions entre os factores revolucionários, que se traduziram em brigas intestinas que muito caro custárom, inclusive vidas humanas.

Devíamos atacar as povoaçons vizinhas, para impedir a realizaçom dos comícios, e se estabelecêrom os planos para fazê-lo simultaneamente nas cidades de Cabaiguán, Fomento e Sancti Spíritus, nas ricas chairas do centro da Ilha. Enquanto se sometia um pequeno quartel de Güinia de Míranda. Os dias anteriores ao 3 de Novembro, data das eleiçons, fôrom de extraordinária actividade: as nossas colunas se mobilizárom em todas as direcçons, impedindo quase totalmente a afluência das urnas, dos votantes dessas zonas. As tropas de Camilo Cienfuegos, na parte norte da província, paralisárom a farsa eleitoral. Em geral, desde o transporte dos soldados de Batista até o tráfego de mercadoria, ficárom detidos.

Em oriente praticamente nom houvo votaçom; em Camagüey, a percentagem foi um bocadinho mais elevada, na zona ocidental, a pesar de todo, notava-se um retraimento popular evidente. Este retraimento logrou-se em Las Villas em forma espontánea, já que nom houvo tempo de organizar sincronizadamente a resistência das massas e a actividade das guerrilhas.

Sucediam-se em Oriente sucessivas batalhas nos frentes primeiros e segundo, ainda também no terceiro -com a coluna Antonio Guiteras-, que pressionava insistente sobre Santiago de Cuba, a capital provincial. Salvo as cabeceiras dos municípios, nada conservava o governo em Oriente.

Muito grave se estava fazendo, além do mais, a situaçom em Las Villas, pola acentuaçom dos ataques às vias de comunicaçom. Ao chegar, mudamos de todo o sistema de luita nas cidades, já que a toda marcha transladamos os melhores milicianos das cidades ao campo de treinamento, para receber instrucçom de sabotagem que resultou efectivo nas áreas urbanas. Durante os messes de Novembro e Dezembro de 1958 fomos fechando gradualmente as estradas. O capitám Silva bloqueou totalmente a estrada de Trinidad a Sancti Spiritus e a estrada central da ilha foi seriamente danada quando se interrompia a ponte sobre o rio Tuinicú, sem chegar a se derrubar; o ferrocarril central foi cortado em vários pontos, acrescentando que o circuito sul estava interrompido polo segundo frente e o circuito norte fechado polas tropas de Camilo Cienfuegos, polo que a Ilha fica dividida em duas partes. A zona mais convulsionada, Oriente, apenas recebia ajuda do governo por ar e mar, de um jeito cada vez mais precário. Os sintomas de descomposiçom do inimigo aumentavam.

Houvo que fazer no Escambray um intensíssimo labor em favor da unidade revolucionária, já que existia um grupo dirigido polo comandante Gutiérrez Menoyo (Segundo Frente Nacional de Escambray), outro do directório Revolucionário (capitaneado polos comandantes Faure Chomón e Rolando Cubela), outro pequeno da Organización Auténtica (OA), outro do Partido Socialista Popular (comandado por Torres), e nós; é dizer, cinco organizaçons diferentes actuando com mandos também diferentes e numha mesma província. Tras laboriosas conversas que tivem com os respectivos chefes, chegou-se a umha série de acordos entre as partes e pudo-se ir à integraçom de um frente aproximadamente comum.

A partir do 16 de Dezembro as roturas sistemáticas das pontes e todo o tipo de comunicaçom colocárom a ditadura em situaçom difícil para defender os seus postos avançados e ainda os mesmos da estrada central, e praticamente interrompidas as comunicaçons entre havana e as cidades ao este de Santa Clara, capital de Las Villas, assim como umha série de povoados -o mais meridional, Fomento- eram sitiados e atacados polas nossas forças. O chefe da praça defendeu-se mais ou menos eficazmente durante alguns dias, mas apesar do castigo da aviaçom ao noso Exército Rebelde, as desmoralizadas tropas da ditadura nom avançavam por terra em apoio dos seus companheiros. Comprovando a inutilidade de toda a resistência, rendêrom-se, e mais de cem fusis fôrom incorporados às forças da liberdade.

Sem dar-lhe trégua ao inimigo, decidimos paralisar de imediato a estrada central, e o dia 21 de Dezembro atacou-se simultaneamente a Cabaiguán e Guayos, sobre a mesma. Em poucas horas se rendia este último povoado e dous dias depois, Cabaiguán com os seus noventa soldados. (A rendiçom dos quarteis se pactuava sobre a base política de deixar em liberdade a guarnición, condicionado a que saisse do território livre. Dessa maneira se dava a oportunidade de entregar as armas e salvar-se.) Em Cabaiguán demonstrou-se de novo a ineficácia da ditadura que em momento nengum reforçou com infantaria os sitiados.

Camilo Cienfuegos atacava na zona norte de Las Villas umha série de povoados, aos que ia reduzindo, à vez que estabelecia o cerco a Yaguajay, último reduto onde ficavam tropas da tirania, ao mando de um capitám de ascendência chinesa, que resistiu once dias, impedindo a mobilizaçom das tropas revolucionárias da regiom, enquanto as nossas seguiam já pola estrada central avançando cara a Santa Clara, a capital.

Caído Cabaiguán, dedicamo-nos a atacar a Placetas, rendido num só dia de luita, em colaboraçom activa com a gente do Directório Revolucionário. Depois de tomar Placetas, liberamos em rápida sucessom Remedios e Caibarién, na costa norte, porque as contínuas vitórias obtidas em Oriente, o Segundo Frente do Escambray derrotava pequenas guarniçons e Camilo Cienfuegos controlava o norte.

Ao retirar-se o inimigo de Camajuaní, sem oferecer resistência, ficamos listos para o asssalto definitivo à capital da província de Las Villas. (Santa Clara é o eixo da chaira central da Ilha, com 150.000 habitantes, centro ferroviário e de todas as comunicaçons do País.) está rodeada por pequenos cerros pelados, os que estavam tomados previamente polas tropas da ditadura.

No momento do ataque, as nossas forças aumentaram consideravelmente a sua fusilaria, na toma de distintos pontos e nalgumhas armas pesadas que careciam de muniçons. Tínhamos umha bazuca sem projectis e devíamos luitar contra umha decena de tanques, mas também sabíamos que, para fazê-lo com afectividade, necessitávamos chegar aos bairros povoados da cidade, onde o tanque diminue em muito a sua eficácia.

Enquanto às tropas do Directório Revolucionário, encarregavam-se de tomar o quartel número 31 da Guarda Rural, nós dedicávamo-nos a sitiar quase todos os postos fortes de Santa Clara; ainda que, fundamentalmente, estabelecíamos a nossa luita contra os defensores do comboio blindado situado à entrada do caminho de Camajuaní, posiçons defendidas com tenacidade polo exército, com umha equipa excelente para as nossas possibilidades.

O 29 de Dezembro iniciamos a luita. A universidade servira, num primeiro momento, de base de operaçons. Depois estabelecimos comandáncias mais perto do centro da cidade. Os nossos homens se batiam contra tropas apoiadas por unidades blindadas e punha-nas em fuga, mas muitos deles pagárom com a vida o seu arrojo e os mortos e feridos começárom a encher os improvisados cemitérios e hospitais.

Recordo um episódio que era demonstrativo do espírito da nossa força nesses dias finais. Eu amoestara um soldado, por estar durmindo em pleno combate e respondeu-me que o desarmaram por ter-se-lhe escapado um tiro. Respondim-lhe com a minha sequidade habitual: "ganha-te outro fusil indo desarmado à primeira linha...se fores capaz de fazê-lo". Em Santa Clara, alentando os feridos no hospital de Sangre, um moribundo tocou-me a mao e dixo: "recorda comandante? Enviou-me a aprocurar o arma em Remedios...e ganhei-ma aqui". Era o combatente do tiro escapado, quem minutos depois morria, e tornei-me ledo de ter demonstrado o seu valor. Assim é o nosso Exército Rebelde.

As lamas do Cápiro seguiam firmes, e lá estivemos luitando durante todo o dia 30, tomando gradualmente o mesmo tempo pontos da cidade. Já nesse momento se cortaram as comunicaçons entre o centro de Santa Clara e o comboio blindado. Os seus ocupantes, vendo-se rodeados nas lamas do Cápiro tratárom de fugar-se pola via férrea e com todo o seu magnífico cargamento caírom no ramal destruído previamente por nós, descarrilando-se a locomotora e alguns vagons. Estabeleceu-se entom umha luita muito interessante onde os homens eram tirados com cócteis molotov do comboio blindado, magnificamente protegidos ainda que dispostos só a luitar a distáncia, desde cómodas posiçons e contra um inimigo praticamente inerme, ao estilo dos colonizadores com os índios do Oeste norteamericano. Acossados por homens que, desde pontos cercanos e vagons imediatos lançavam botelhas de gasolina acessa, o comboio convertia - graças às chapas da blindagem- num verdadeiro forno para soldados. Em poucas horas se rendia a dotaçom completa, com os seus 22 vagons, os seus canons antiaéreos, as suas metralhadoras do mesmo tipo, as suas fabulosas quantidades de muniçons (fabulosas para o exíguo das nossas dotaçons, claro está).

Lograra-se tomar a central electrica e toda a parte noroeste da cidade, dando ao ar o anúncio de que Santa Clara estava quase em poder da Revoluçom. Naquele anúncio que dei como Comandante em Chefe das Forças Armadas de Las Villas, recordo que tinha a dor de comunicar ao povo de Cuba a morte do capitám Roberto Rodríguez El Vaquerito, pequeno de estatura e de idade, chefe do "Pelotom Suicida", quem brincou com a morte umha e mil vezes em luita pola liberdade. O "Pelotom Suicida" era um exemplo de moral revolucionária, e a esse apenas iam voluntários escolheitos. Porém, cada vez

que um homem morria - e isso ocorria em cada combate- ao fazer-se a designaçom do novo aspirante, os desbotados realizavam cenas de dor que chegavam até o choro. Era curioso ver os curtidos e nobres guerreiros, mostrando a sua juventude no despeito de umhas lágrimas, por nom ter a honra de estar no primeiro lugar de combate e de morte.

Depois caia a esquadra da polícia, entregando os tanques que a defendiam e, em rápida sucessom se rendia ao comandante Cubela o quartel número 31, as nossas forças, o cárcere, a audiência, o palácio do Governo Provincial, o Gran Hotel, onde os francotiradores se mativêrom disparando desde o décimo andar quase até o final da luita.

Nesse momento apenas ficava por render-se o quartel Leoncio Vidal, a maior fortaleça do centro da Ilha. Mas já o primeiro de Janeiro de 1959 havia sintomas de debilidade crescente entre as forças defensoras. Na manhá desse dia mandamos aos capitáns Nuñez Jiménez e Rodríguez de la Vegas a pactuar a rendeçom do quartel. As notícias eram contraditórias e extraordinárias: Batista fugira esse dia, desmoronando-se polo rádio com Cantillo, fazendo-lhe conhecer a oferta de rendeçom, mas este estimava que nom era possível aceitá-la porque constituia um ultimatum e que ele ocupara a Chefatura do Exército seguindo instrucçons precisas do líder Fidel Castro. Figemos imediato contacto com Fidel, anunciando-lhe as novas, mas dando-lhe a opiniom nossa sobre a atitude traidora de Cantillo, opiniom que coincidia absolutamente com a sua. (Cantillo permitiu nesses momentos decisivos que se fugaram todos os grandes responsábeis do governo de Batista, e a sua atitude era mais triste se se considera que foi um oficial que fijo contacto connosco e em quem confiamos como um militar de pundonor.)

Os resultados seguintes som por todos conhecidos: a negativa de Castro a reconhecê-lo, a sua orde de marchar sobre a cidade de Havana, a posse polo coronel Barquín da Chefatura do Exército, logo de sair da prison de ilha de Pinos, a toma da Cidade Militar de Columbia por Camilo Cienfuegos e da Fortaleça da Cabana como Primeiro Ministro do Governo Provisional. Todo isto pertence à história política actual do País.

Agora temos colocados numha posiçom em que somos muito mais do que simples factores de umha naçom, constituimos neste momento a esperanza da América irredenta. Todos os olhos -os dos grandes opressores e os dos esperanzados- estám fixos em nós. Da nossa atitude futura que apresentemos, da nossa capacidade para resolver os múltiplos problemas, depende em grande medida o desenvolvimento dos movimentos populares na América, e cada passo que damos está vigilado polos olhos onipresentes do grande abutre e polos olhos optimistas dos nossos irmaos da América.

Com os pés firmemente assentados na terra, começamos a trabalhar e a produzir as nossas primeiras obras revolucionárias, enfrentando-nos com as primeiras dificuldades. Mas, qual é o problema fundamental de Cuba, senom o mesmo de toda a América , o mesmo incluso do enorme Brasil, com os seus milhons de quilometros quadrados, com o seu País de maravilha que é todo um continente? A monoproduçom. Em Cuba somos escravos da cana de açúcar, cordom umbilical que nos ata ao grande mercado nortenho. Temos que diversificar a nossa produçom agrícola, estimular a indústria e garantir que os nossos produtos agrícolas e mineiros e -num futuro imediato- a nossa produçom industrial, vaia aos mercados que nos convenham por intermédio da nossa própria linha de transporte.

A primeira grande batalha do governo dará-se coma Reforma Agrária, que será audaz, integral, mas flexível: destruirá o latifúndio em Cuba, ainda que nos médios de produçom cubanos. Será umha batalha que absorva parte da força do povo e do governo durante os anos vindouros. A terra dará-se ao camponês de graça. E pagará-se a quem demonstre tê-la possuído honradamente, com bonos de resgate a longo prazo, mas também dará-se umha ajuda técnica ao camponês, garantirám os mercados para os produtos do chao e canalizará a produçom com um amplo sentido nacional de aproveitamento em conjunçom com a grande batalha da Reforma Agrária, que permita às incipientes indústrias cubanas, em breve tempo, competir com as monstruosas dos países onde o capitalismo alcançou o seu mais alto grau de desenvolvimento. Simultaneamente com a criaçom do novo mercado interno que logrará a Reforma Agrária, e a distribuiçom de produtos novos que satisfagam um mercado nascente, surgirá a necessidade de exportar alguns produtos e fará falta o instrumento adecuado para levá-los a um e a outro ponto do mundo. Dito instrumento será umha frota mercante, que a Lei de Fomento Marítimo já aprovada, prevê. Com essas armas elementais, os cubanos iniciaremos a luita pola libertaçom total do território. Todos sabemos que nom será fácil, mas todos estamos conscientes da enorme responsabilidade histórica do Movimento 26 de Julho, da Revoluçom cubana, da Naçom em geral, para construir um exemplo para todos os povos da América, aos que nom devemos defraudar.

Podem ter segurança os nossos amigos do Continente que, se for necessário, luitaremos até a derradeira conseqüência económica dos nossos actos e se se levar mais longe ainda peleja, luitaremos até a derradeira gota do nosso sangue rebelde, para fazer desta terra umha república soberana, com os verdadeiros atributos de umha naçom feliz, democrática e fraternal dos seus irmaos da América.

O que deve ser um jovem comunista?

Fragmento Conferência pronunciada na Uniom de Jovens Comunistas em 20 de Outubro de 1962 e publicado em Verde Olivo, ano 3, nº 43, 28 de Outubro de 1962

Quero formular agora, companheiros, qual é a minha opiniom, a visom de um dirigente nacional das ORI, do que deve ser um jovem comunista, a ver se estamos de acordo todos.

Eu acho que o primeiro que deve caracterizar um jovem comunista é a honra que sente por ser um jovem comunista. Essa honra que o leva a mostrar ante todo o mundo a sua condiçom de jovem comunista, que nom o vira para a clandestinidade, que nom o reduz a fórmulas, mas que o exprime a cada momento, que lhe sai do espírito, que tem interesse em demonstrá-lo porque é o seu símbolo de orgulho. Junto disso, um grande sentido do dever para a sociedade que estamos a construir, com os nossos semelhantes como seres humanos e com todos os homens do mundo. Isso é algo que deve caracterizar o jovem comunista. Ao pé disso, umha grande sensibilidade ante todos os problemas, grande sensibilidade face a injustiça. Espírito inconforme cada vez que surge algo que está mal, tenha-o dito quem o dixer. Pôr em questom todo o que nom se perceber. Discutir e pedir claridade do que nom estiver claro. Declarar a guerra ao formalismo, a todos os tipos de formalismo. Estar sempre aberto para receber as novas experiências, para conformar a grande experiência da humanidade, que leva muitos anos a avançar pola senda do socialismo, às condiçons concretas do nosso país, às realidades que existem em Cuba. E pensar -todos e cada um- como irmos mudando a realidade, como irmos melhorando-a.

O jovem comunista deve tentar ser sempre o primeiro em todo, luitar por ser o primeiro, e sentir-se incomodado quando em algo ocupa outro lugar. Luitar sempre por melhorar, por ser o primeiro. Claro que nom todos podem ser o primeiro, mas sim estar entre os primeiros, no grupo de vanguarda. Ser um exemplo vivo, ser o espelho onde podam olhar-se os homens de idade mais avançada que perdêrom certo entusiasmo juvenil, que perdêrom a fé na vida e que ante o estímulo do exemplo reagem sempre bem. Eis outra tarefa dos jovens comunistas. Junto disso, um grande espírito de sacrifício, um espírito de sacrifício nom apenas para as jornadas heróicas, mas para todo o momento. Sacrificar-se para ajudar o companheiro nas pequenas tarefas e que poda cumprir o seu trabalho, para que poda cumprir com o seu dever no colégio, no estudo, para que poda melhorar de qualquer maneira. Estar sempre atento a toda a massa humana que o rodeia. Quer dizer: apresenta-se a todo jovem comunista a tarefa de ser essencialmente humano, ser tam humano que se aproxime ao melhor do humano, purificar o melhor do homem por meio do trabalho, do estudo, do exercício de solidariedade continuada com o povo e com todos os povos do mundo, desenvolver ao máximo a sensibilidade até se sentir angustiado quando um homem é assassinado em qualquer canto do mundo e para se sentir entusiasmado quando em algum canto do mundo se alça umha nova bandeira de liberdade. o jovem comunista nom pode estar limitado polas fronteiras de um território, o jovem comunista deve praticar o internacionalismo proletário e senti-lo como cousa de seu. Lembrar-se, como devemos lembrar-nos nós, aspirantes a comunistas cá em Cuba, que somos um exemplo real e palpável para toda a nossa América, para outros países do mundo que luitam também noutros continentes pola sua liberdade, contra o colonialismo, contra o neocolonialismo, contra o imperialismo, contra todas as formas de opressom dos sistemas injustos. Lembrar sempre que somos um facho acesso, que somos o mesmo espelho que cada um de nós individualmente é para o povo de Cuba, e somos esse espelho para que se olhem nele os povos da América, os povos do mundo oprimido -que luitam pola sua liberdade. E devemos ser dignos desse exemplo. Em todo o momento e a toda a hora ser dignos desse exemplos.

Isso é o que nós julgamos que deve ser um jovem comunista. E se se nos dixesse que somos quase uns românticos, que somos uns idealistas inveterados, que estamos a pensar em cousas impossíveis, e que nom se pode atingir da massa de um povo que seja quase um arquétipo humano, nós temos de contestar, umha e mil vezes, que sim, que sim se pode, que estamos no certo, que todo o povo pode ir avançando, ir liquidando intransigentemente todos aqueles que ficarem atrás, que nom forem capazes de marcharem ao ritmo a que marcha a revoluçom cubana. Tem de ser assim, deve ser assim, e assim é que será, companheiros, será assim, porque vós sodes jovens comunistas, criadores da sociedade perfeita, seres humanos destinados a viver num mundo novo de onde terá desaparecido de vez todo o caduco, todo o velho, todo o que representar a sociedade cujas bases acabam de ser destruídas.

Para atingirmos isso cumpre trabalhar todos os dias. Trabalhar no senso interno de aperfeiçoamento, de aumento dos conhecimentos de aumento da compreensom do mundo que nos rodeia. Inquirir e pesquisar e conhecer bem o porque das cousas e colocar sempre os grandes problemas da Humanidade como problemas próprios.

Dessarte, num momento dado, num dia qualquer do anos que venhem -após passarmos muitos sacrifícios, sim, depois de

termo-nos porventura visto muitas vezes à beira da destruiçom- após termos porventura visto como as nossas fábricas som destruídas e de tê-las reconstruído de novo, depois de assistirmos ao assassinato, à matança de muitos de nós e de reconstruirmos o que fosse destruído, ao fim de isso todo, um dia qualquer, quase sem repararmos, teremos criado, junto dos outros povos do mundo, a sociedade comunista, o nosso ideal.

Carta de despedida do Che dirigida a Fidel e ao povo cubano

Havana, 1 de Abril de 1965

Fidel:

Neste momento lembro-me de muitas cousas de quando te conhecim no México, na casa de María Antonia, quando me propugeche ajuntar-me a ti; de todas as tensons causadas polos preparativos. Um dia vinhérom-me perguntar quem devia ser notificado em caso de morte, e a possibilidade real desse facto causou um impacto. Mais tarde, soubemos que era verdade, que numha revoluçom se vence ou se morre (se ela for autêntica). Muitos companheiros ficárom ao longo do caminho até a vitória.

Actualmente, todo tem um tom menos dramático, porque somos mais maduros. Mas o facto se repete. Sinto que cumprim com a parte do meu dever que me prendia à revoluçom cubana no seu território e me despido de ti, dos camaradas, do seu povo, que agora é meu.
Renuncio formalmente aos meus cargos no Partido, ao meu posto de ministro, à minha patente de comandante e à minha cidadania cubana. Legalmente, nada me vincula a Cuba, só laços de outra classe que nom se podem romper como os nomeamentos.

Recordando a minha vida passada, acho que trabalhei com suficiente integridade e dedicaçom para consolidar o triunfo revolucionário. A minha única deficiência grave foi nom ter tido mais confiança em ti desde os primeiros momentos na Serra Maestra e nom ter percebido com a devida rapidez as tuas qualidades de líder e de revolucionário.
Vivim dias magníficos e, ao teu lado, sentim o orgulho de pertencer ao nosso povo nas idas brilhantes, mas tristes, da crise caribenha (dos mísseis). Raramente um estadista foi mais brilhante do que tu naqueles dias, sinto-me orgulhado também de ter-te seguido sem vacilaçons, identificado com o teu jeito de pensar e de ver e apreciar os perigos e os principios.

Outras naçons do mundo requerem os meus modestos esforços. Eu podo fazer aquilo que che é vedado devido à tua responsabilidade à frente de Cuba, e chegou a hora de nos separarmos.

Quero que saibas que o fago com umha mescla de alegria e pena. Deixo cá as minhas mais puras esperanças de construtor e os meus entes mais queridos... e deixo um povo que me recebeu como um filho. Isso fere umha parte do meu espírito. Carrego para novas frentes de batalhas a fé que ti me ensinache, o espírito revolucionário do meu povo, a sensaçom de estar cumprindo com o mais sagrado dos deveres: luitar contra o imperialismo onde quer que for. Isso me consola e mais do que cura as feridas mais profundas.

Declaro mais uma vez que eximo Cuba de qualquer responsabilidade, a nom ser aquela que provém do seu exemplo. Se a minha hora final me encontrar debaixo de outros céus, o meu derradeiro pensamento será para o povo e especialmente para ti. Fico muito obrigado polas tuas ensinanzas e o teu exemplo ao que tratarei de ser fiel até as últimas conseqüências dos meus actos. Que estivem identificado sempre com a política exterior da nossa revoluçom e sigo a está-lo. Que onde quixer que vaia sentirei a responsabilidade de ser revolucionario cubano e como tal actuarei. Nom lamento em nom deixar nada material para minha mulher e meus filhos. Estou feliz que seja assim. Nada pido para eles, pois o Estado os proverá com o suficiente para viver e para ter educaçom. Teria muitas cousas que decir-che a ti e ao nosso povo, mas sinto que som inecessárias, as palavras nom podem expressar o que eu quixer, e nom vale a pena lixar papel.

Até a Vitória Sempre!
Pátria ou Morte!

Abraça-te com todo o fervor revolucionário.
"Che"